

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC - SP**

Mirian Cristina Lozano

*“Assentamentos e Ecovila:  
no caminho da agroecologia”*

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

SÃO PAULO

2009

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC - SP**

Mirian Cristina Lozano

*“Assentamentos e Ecovila:  
no caminho da agroecologia”*

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências Sociais: Sociologia, sob a orientação do Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho.

SÃO PAULO

2009

Banca Examinadora

---

---

---

## AGRADECIMENTOS

Apreendi muito nesse período sobre meu tema de estudo, sobre mim, mas não foi fácil chegar aqui e é por isso que tenho muito a agradecer. Não será possível mencionar o nome de todos, mas tenho que começar... Agradeço muito aos meus pais por estarem tão presentes em minha vida, me apoiando em casa e até me acompanhando no trabalho de campo. Sou especialmente grata à professora Dra. Marijane Vieira Lisboa, pela amizade e por ter me acompanhado voluntariamente nesta pesquisa. Agradeço aos amigos que me apoiaram de perto nesse período, contribuindo com ideias, leituras, discussões e concessões especiais, como Solange Maria Santana, Carlos Rovaron, Carlos Aldemir Farias, Licia Beccari e Edie Pinheiro. Muito obrigada aos entrevistados que concederam seu tempo e sua disponibilidade para conversar e me ensinar, como Peter Webb, Antonia, Naveen, Maria Claudia, Silvana, Maria, João Batista, Elzo, Navin e Cícero. Sou muito grata à paciência do professor Dr. Edgard de Assis Carvalho. Por último, agradeço à *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP*, pelo financiamento da pesquisa de mestrado durante dois anos, possibilitando inclusive a doação de livros para a Biblioteca da Universidade.

## RESUMO

### “Assentamentos e Ecovilas: no caminho da agroecologia”

Esta pesquisa tem como finalidade o estudo de duas experiências de comunidades praticantes da permacultura e demais vertentes da agricultura alternativa, que de modo geral são consideradas práticas agroecológicas. Escolhi duas experiências socialmente distintas, pois enquanto uma reúne trabalhadores sem-terra, a outra ecovila faz parte do movimento de comunidades alternativas de classe média, o que permite identificar os aspectos sociais aos quais se possa atribuir o maior ou menor sucesso das experiências. As comunidades estudadas foram descritas de acordo com a sua história, condição social e econômica, universo intelectual e ideológico, de modo a poder serem comparadas quanto ao processo para se alcançar a sustentabilidade. Acredito que a relevância de se estudar tais experiências está no fato de que podem se constituir na sustentação técnica de projetos sociais de empoderamento e desenvolvimento humano de comunidades pequenas e com poucos recursos. No caso brasileiro, em especial, elas podem servir de modelos para assentamentos de reforma agrária, comunidades tradicionais e agricultura familiar em geral. Sobretudo porque há pouca literatura científica no estudo da permacultura e demais correntes da agricultura alternativa em comunidades no Brasil.

Em síntese, ainda há muitos desafios para essas comunidades alcançarem a autossuficiência, dificuldades que podem ser superadas e acertos que devem ser replicados. De qualquer modo, estão no caminho da agroecologia.

Palavras-chave:

Sustentabilidade

Autossuficiência

Agricultura Alternativa

Permacultura

Agroecologia

Bioconstrução

Comunidade

Ecovila

## ABSTRACT

### “Rural Settlements and Ecovillages: the path to agroecology”

The purpose of this research is to study two experiences of permaculture communities and other sorts of alternative agriculture which are generally considered agroecological practices. I choose two socially distinct experiences for the reason that one of them refers to landless rural workers, whereas the ecovillage is part of an alternative communities middle-class movement. This enables us to identify the social aspects to which it is possible to assign the amount of success of those examples. The communities that have been studied were described following their history, economic and social condition, intellectual and ideological universe; in a way they could be compared to evaluate the process of how to achieve sustainability. I believe that the relevance of studying such experiences is due to the fact that they might constitute the technical support to social projects seeking to empower and to further human development of small and low-resources communities. Especially in the Brazilian context, they can work as frameworks for agrarian reform settlements, traditional communities and family agriculture in general. Ultimately, there is little scientific literature dealing with permaculture and other sorts of alternative agriculture in communities in Brazil. To summarize, there are still several challenges for those communities to achieve self-sufficiency, difficulties which can be overcome and some successes that can be reproduced. Anyhow they are on the road to agroecology.

#### Keywords :

Sustainability

Self-sufficiency

Alternative agriculture

Permaculture

Agroecology

Bioconstruction

Community

Ecovillage

## SUMÁRIO

Apresentação	8
Introdução	11
Capítulo 1: Experiências de Assentamentos de Reforma Agrária	
1.1 - O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra	24
1.2 - Experiência do “Acampamento Irmã Alberta”	29
1.3 – Experiência “Dom Tomás Balduino”	48
Capítulo 2: Experiências de uma Ecovila	
2.1 – O nascimento das Ecovilas	55
2.2 - Ecovilas no Brasil	59
2.3 - Ecovila Visão Futuro	60
Considerações Finais:	
Para que servem as experiências	70
Bibliografia	77
Anexos de fotos	87

## APRESENTAÇÃO

Tive de recorrer à infância para contar como construí o tema, pois desde criança gosto de assuntos relacionados à ecologia, sendo o início da adolescência o período em que fui despertada pela escola para as questões sociopolíticas. Mais tarde, optei pela graduação em Ciências Sociais por afinidade e pelas possibilidades de atuação profissional. Mas foi no último ano de graduação que escolhi a área que gostaria de atuar, a Sociologia no âmbito socioambiental. Essa escolha foi inspirada pela disciplina “Sociedade e Meio Ambiente”, ministrada pela Profa. Marijane Vieira Lisboa, no ano 2000.

Ao concluir o bacharelado, em 2001, fui morar em Recife, Pernambuco, e lá trabalhei em duas instituições ligadas à Sociedade Civil Organizada, a ASA – *Articulação no Semiárido Brasileiro*, que desenvolve projetos ambientais para a convivência com o semiárido, e a ASPAN – *Associação Pernambucana de Defesa da Natureza*, ONG ambientalista que apóia segmentos da população com problemas socioambientais, tais como o movimento de catadores de papel, comunidades de pescadores e outros. Com isso, tive a oportunidade de participar de vários cursos e debates sobre esses temas, tomei contato com projetos de manejo do semiárido, que utilizam técnicas da permacultura e agroecologia. Entretanto, somente em 2003, já de volta a São Paulo, foi que pude me aprofundar na pesquisa sobre permacultura e outras vertentes da agricultura sustentável, quando contribuí para a elaboração da publicação *Segurança Alimentar e Nutricional*<sup>2</sup>, da ONG Pólis – *Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais*. Como se tratava de um assunto recente no Brasil, foi sobretudo em sites da internet que pude obter informação sobre experiências em permacultura.

---

<sup>1</sup> MOLLISON, Bill e HOLMGREN. *Perma-culture One: a perennial agriculture for human settlements*. Tasmânia. Australia: Tagari, 1978.

<sup>2</sup> *Segurança Alimentar e Nutricional: a contribuição das empresas para a sustentabilidade das iniciativas locais*, foi publicado em 2003, em apoio ao Programa Fome Zero, do governo federal. A publicação foi realizada pelo International Finance Corporation - IFC, Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social e Instituto Polis.

Naquele período, fui convidada a participar do grupo de discussão *Permaish*, estudos em permacultura, do Instituto Ser Humano, organização não-governamental sediada em São Paulo, que promovia encontros e atividades de campo. Foi lá que tive a oportunidade de conhecer o permacultor australiano Peter Webb, que estudou na Austrália com o criador da permacultura, Bill Mollison. Fiz um curso prático de “Introdução à Permacultura”, que me permitiu compreender melhor os seus princípios. Nessa época, tomei contato com outro tipo de projeto comunitário que também adotava a permacultura como método: as ecovilas. Comecei a pesquisar sobre esses modelos de comunidade e encontrei material sobre a Ecovila “Visão Futuro”, localizada no interior de São Paulo. No final de 2004, quando participava de um curso de capacitação para educadores de jovens e adultos, promovido pelo núcleo de extensão da Universidade São Paulo, coincidentemente conheci uma frequentadora da Ecovila “Visão Futuro”, uma jornalista que também auxiliava a fundadora da comunidade, Susan Andrews, nos textos de divulgação do “Visão Futuro”. Conteí a ela sobre meu interesse em conhecer a Ecovila e, meses depois, em maio de 2005, fui convidada a passar um fim de semana na comunidade. Nessa ocasião, conheci Susan Andrews, criadora do projeto da Ecovila de Porangaba, e manifestei meu interesse em estudar aquela iniciativa em uma pesquisa de mestrado. Susan foi receptiva e me convidou para participar dos cursos e eventos promovidos por eles, de modo a poder conhecer a proposta do “Visão Futuro”. Assim, a partir dessas oportunidades, travei contato com a Ecovila e seus frequentadores.

Minha experiência com ambas comunidades foi simultânea. Em meados 2004, o grupo de discussão *Permaish*, junto a Peter Webb, foi convidado pela *Comuna da Terra*, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, a apoiar o Acampamento “Irmã Alberta”, em Perus, São Paulo, fornecendo orientação em permacultura, a fim de melhorar a situação do solo e da produção. Participei de algumas oficinas no início, ministradas por Peter Webb, e foi então que fui amadurecendo a ideia desta pesquisa.

Do projeto de pesquisa inicial, escolhi duas experiências distintas, uma representativa de movimentos sociais de reforma agrária e outra iniciativa de um grupo espiritual envolvido com o ambientalismo, que introduziram a prática de permacultura e demais vertentes da agricultura sustentável, conhecidas no meio agrícola por agroecologia, visando identificar que aspectos sociais contribuem para os acertos e desafios. Em 2005,

elaborei o projeto de pesquisa e em agosto de 2006 iniciei o mestrado em Ciências Sociais.

Para conhecer melhor a problemática do MST, no final de 2005 participei de uma vivência nos assentamentos mais antigos do MST em São Paulo, cuja ocupação data de 1984, e que se localizam em Itapeva, região próxima ao Paraná. Essas agrovilas, como são conhecidas, estão espalhadas na zona rural da região e possuem cerca de 800 assentados. Na época, o que despertou minha atenção foi a construção de uma Escola de Agroecologia na região e o desenvolvimento da produção agroecológica.

Essas experiências foram fundamentais para a elaboração do projeto e o desenvolvimento da pesquisa, podendo assim conciliar duas grandes motivações para mim, o interesse pela questão ambiental e a preocupação com as questões sociopolíticas. A meu ver as tecnologias ambientais só fazem sentido se estiverem ligadas à questão social, como meio de garantir a sobrevivência da humanidade.

*“A diversidade é uma alternativa à monocultura, à homogeneidade e à uniformidade. Viver a diversidade na natureza corresponde a viver a diversidade das culturas. As diversidades natural e cultural são fontes de riqueza e alternativas”.*<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho foi estudar iniciativas de comunidades que introduziram práticas da permacultura e da agroecologia, ou seja, que combinaram diversas vertentes da agricultura alternativa. Essas vertentes têm como princípios o não uso de agrotóxicos, nem fertilizantes químicos, a adubação verde, a rotação de cultivo e o plantio de culturas mistas. O seu oposto é a agricultura moderna convencional, que investe em mecanização e produtos químicos, tanto para eliminar pragas, como para o crescimento rápido das plantas com o intuito de aumentar a produtividade e o lucro de grandes proprietários<sup>4</sup>.

Os séculos XVIII e XIX deram o início à modernização da agricultura convencional na Europa Ocidental e EUA, pressionados pelo aumento do mercado de alimentos devido à rápida urbanização<sup>5</sup>. Em torno de 1800, aconteceu a “Primeira Revolução Agrícola”, que associou a criação de animais à agricultura, que aumentou a produção em virtude da adubação das lavouras, gerado pelos excrementos animais, e rotação de culturas<sup>6</sup>.

A atividade agrícola passou a ter um papel importante nas economias industriais, com o aumento da produção em maior escala em várias regiões, apoiando-se nas descobertas

---

<sup>3</sup> SHIVA, Vandana. *Monoculturas da Mente: Perspectiva da Biodiversidade e da Biotecnologia*. São Paulo: Gaia, 2003

<sup>4</sup> DAROLT, Moacir Roberto. *Agricultura Orgânica, inventando o futuro*. Londrina: IAPAR, 2002.

<sup>5</sup> EHLERS, Eduardo. *Agricultura Sustentável, origens e perspectivas de um novo paradigma*. Guaíba: Agropecuária, 1999.

<sup>6</sup> Instituto de Economia Agrícola – IEA. *Agricultura Ecológica: Conceituação*. <http://www.iea.sp.gov.br>

científicas e nos avanços tecnológicos, pela prática da monocultura. De acordo com Vandana Shiva, autora do livro *Monoculturas da Mente*, a monocultura é antes de tudo uma concepção de economia agrícola própria da sociedade moderna, que uniformiza o ambiente, empobrece os ecossistemas e os torna vulneráveis a pragas e doenças. Ademais, essa prática esteriliza o solo, contamina a água e destrói a diversidade, ao utilizar agrotóxicos e fertilizantes, podendo acelerar o processo de desertificação e, à medida que padroniza culturas agrícolas e sociais, monopoliza conhecimento e produtos, com a finalidade de centralizar poder e concentrar riquezas<sup>7</sup>.

O plantio de uma mesma variedade em grandes extensões de terra, a monocultura, foi acompanhado do crescente uso de substâncias químicas como fertilizantes e agrotóxicos, e do processo de mecanização da agricultura convencional, a fim de elevar a produção em pouco tempo. Porém, a alta produtividade econômica exigia a derrubada de grandes extensões de floresta, tornando o solo vulnerável ao sol e à chuva, e o cultivo, às pragas e insetos. Para reduzir a mão de obra necessária às grandes extensões de terra, introduziram-se máquinas movidas a combustíveis fósseis. Além de poluentes para o ambiente, o uso de máquinas e substâncias químicas reduziu expressivamente a vida fértil do solo. Como resultado desse cenário, os agricultores passaram a depender cada vez mais dos agrotóxicos no combate de pragas e no uso de fertilizantes, e os pequenos agricultores foram tornando-se empregados de fazenda, pois os custos da produção aumentava, ficando economicamente inviável<sup>8</sup>.

No início do século XX, quando o uso dos compostos químicos já estava amplamente disseminado na agricultura, instaura-se um forte debate entre porta-vozes da indústria química e cientistas contrários, como a norte-americana, médica e pesquisadora de toxicologia industrial Alice Hamilton<sup>9</sup>. Essa autora escreveu muitos artigos sobre o veneno produzido pelas indústrias químicas, alertando sobre o perigo dessas substâncias na natureza e denunciando os riscos e a vulnerabilidade a que estavam expostos os trabalhadores das indústrias, os quais, segundo ela, eram usados como cobaias.

---

<sup>7</sup> Op. cit nota 3.

<sup>8</sup> Op. cit nota 5.

<sup>9</sup> SPOWERS, Rory. *Rising Tides: the history and future of the environmental movement*. Edinburgh, England: Canongate: 2002.

Após a Primeira Guerra Mundial, houve uma forte expansão da indústria petroquímica, intensificando assim o uso de agrotóxicos, químicos e introduzindo-se a motomecanização, dos tratores movidos à gasolina<sup>10</sup>.

Não por acaso, os agrotóxicos, inseticidas para a lavoura, tiveram como inspiração muitas armas químicas utilizadas na Segunda Guerra Mundial<sup>11</sup>:

*“(...) muitos compostos produzidos como armas químicas foram transformados em inseticidas, utilizados nas campanhas de saúde pública ou em agrotóxicos para combater os inimigos das lavouras. (...) os agrotóxicos 2, 4-D e 2,4,5-T foram desenvolvidos nos EUA durante a Segunda Guerra Mundial para serem utilizados contra os japoneses. Mas com o lançamento da bomba atômica e o fim da Segunda Guerra, o navio que estava a caminho das Filipinas com toneladas desses produtos regressou aos EUA. Alguns anos depois, o 2,4-D e o 2,4,5-T foram lançados no mercado de insumos agrícolas”.*

Em reação a esse padrão de desenvolvimento da agricultura convencional, foram surgindo diversas vertentes da agricultura sustentável, nas décadas de 1920 e 1930, principalmente na Europa, no Japão e nos EUA. A articulação desses grupos de pequenos agricultores ficou conhecida como movimentos rebeldes. Eram grupos distintos e isolados em diversos países, mas tinham características em comum: a inspiração nas tradições camponesas e a oposição à introdução dos químicos na agricultura, cujo precursor fora o cientista Justus von Liebig<sup>12</sup>, que propôs a substituição do uso de matéria orgânica na nutrição de plantas pelas substâncias químicas de laboratório. As teorias de Liebig não ficaram restritas ao meio científico, pois ele se tornou um produtor de fertilizantes químicos e logo muitas indústrias se interessaram em desenvolver esses produtos. Essas técnicas foram essenciais à “Segunda Revolução Agrícola”, e também para a “Revolução Verde”, que ocorreu na segunda metade do século XX<sup>13</sup>.

---

<sup>10</sup> EHLERS, Eduardo. *Agricultura Sustentável, origens e perspectivas de um novo paradigma*. Guaíba: Agropecuária, 1999.

<sup>11</sup> Idem ibidem.

<sup>12</sup> Justus von Liebig publicou em 1848 a obra clássica “*Organic Chemistry in its application to agriculture and physiology*”.

<sup>13</sup> Idem nota 10.

O período conhecido como “Revolução Verde”, que se desenvolveu principalmente entre 1950 a 1985, foi um processo de consolidação da modernização da agricultura, que introduziu o padrão produtivo químico, motomecânico e genético e teve como consequência ambiental a contaminação de rios e solos com metais pesados, fosfatos e nitrogênio. Essa fase da agricultura convencional também foi marcada pelo avanço da pesquisa em engenharia genética, pelos processos de concentração e centralização das indústrias químicas, e o desenvolvimento da agroindústria.

*“A Revolução Verde foi um sucesso, entre 1950 e 1985, a produção mundial de cereais passou de 700 milhões para 1,8 bilhão de toneladas. (...) Em 1980, as dez maiores indústrias químicas do mundo tiveram um faturamento de aproximadamente 350 bilhões de dólares. Em 1981, as indústrias produziram 1,8 milhão de toneladas de agrotóxicos. Esse sucesso foi a migração das empresas agroquímicas para países do Terceiro Mundo que têm legislações ambientais e órgãos de fiscalização menos eficientes<sup>14</sup>”.*

Em 1962, Rachel Carson denunciava em seu livro *Silent Spring* - Primavera Silenciosa, as consequências da “Revolução Verde”, como a invenção do pesticida sintético DDT, sigla do dicloro-difenil-tricloroetano. O inventor do DDT, o suíço Paul Muller, recebera, entretanto, o prêmio Nobel de medicina em 1948, ficando conhecido durante a II Guerra Mundial, em que o DDT foi utilizado pelas tropas norte-americanas contra insetos causadores da malária e do tifo<sup>15</sup>. Esse composto químico criado para combater pragas, exterminava ao mesmo tempo centenas de insetos, inclusive aqueles úteis à agricultura. Além disso, a substância penetrava na cadeia alimentar, acumulava-se nos tecidos gordurosos dos animais, inclusive do homem, sendo detectada a presença do DDT até no leite humano, com o risco de causar câncer e problemas genéticos. Esse foi o tema do livro da autora, que tornou-se um marco para o movimento ambientalista, pois, além da denúncia, Rachel Carson questionava a confiança cega da humanidade no progresso tecnológico<sup>16</sup>. Foi nesse contexto de crescente crítica às novas tecnologias agrícolas que vão surgir as correntes alternativas ao modelo da agricultura convencional, dos quais citarei apenas os mais conhecidos.

---

<sup>14</sup> Op. cit nota 10.

<sup>15</sup> [http://www.geocities.com/~esabio/cientistas/primavera\\_silenciosa.htm](http://www.geocities.com/~esabio/cientistas/primavera_silenciosa.htm) e <http://pt.wikipedia.org/wiki/DDT> (acessado em março de 2009).

<sup>16</sup> SPOWERS, Rory. *Rising Tides: the history and future of the environmental movement*. Edinburgh, England: Canongate: 2002.

A *Agricultura Biodinâmica* foi uma das primeiras escolas do movimento rebelde da agricultura, preconizada pelo filósofo austríaco Rudolf Steiner, criador da antroposofia<sup>17</sup>. No início da década de 1920, Steiner era procurado por vários agricultores europeus que enfrentavam problemas em suas lavouras. Suas ideias foram apresentadas pela primeira vez em público, numa conferência sobre agricultura, na Polônia, na qual defendeu o abandono dos agrotóxicos, a utilização de compostos líquidos minerais, vegetais e animais de alta diluição no solo, característica da homeopatia, a reciclagem de resíduos vegetais e animais e a observação do calendário astrológico para plantio e colheita, de acordo com preceitos da antroposofia. Esse movimento foi-se difundindo pela Europa, Japão e EUA, sendo impulsionado pela insatisfação dos pequenos agricultores com a agricultura convencional, pois já era patente o fato de que a agricultura química exauria o solo, reduzia o tempo de vida fértil das terras e empobrecia a terra com o uso de fertilizantes. Além disso, o processo de modernização da agricultura tornava os pequenos agricultores mais dependentes da indústria e da economia, exigindo-lhes produtividade cada vez maior para arcar com os seus custos.

No Brasil, essa vertente é conhecida pela atuação do *Instituto Biodinâmico de Desenvolvimento Rural, IBD*, que a partir de 1981 organizou um grupo de interessados em estudar e aplicar os conhecimentos de Steiner, na Estância Demétria, na cidade de Botucatu, no interior de São Paulo<sup>18</sup>.

A *Agricultura Orgânica* surgiu anos mais tarde, no período entre 1935 e 1940. Essa corrente tornou-se conhecida com as obras do médico inglês Albert Howard, que defendia o uso da matéria orgânica na melhoria da fertilidade e da vida do solo. Embora tenha surgido depois da Agricultura Biodinâmica, sabe-se que foi um movimento independente. O precursor dessa vertente, Albert Howard, trabalhou durante quarenta anos na Índia, fazendo pesquisas sobre a resistência humana a doenças e a estrutura orgânica do solo. Criou o método '*Indore*' de compostagem, técnica que reciclava os resíduos orgânicos da fazenda, os transformava em húmus, depois aplicava-o ao solo, restaurando a sua fertilidade a partir de um processo biológico natural. Mais tarde, esse método foi aprimorado pela pesquisadora Eve Balfour, na Inglaterra, que transformou

---

<sup>17</sup> A antroposofia é um movimento filosófico-espiritual criado por Rudolf Steiner, que atua nas áreas de pedagogia, medicina, expressões artísticas, arquitetura e agricultura.

<sup>18</sup> Op. cit 10.

sua fazenda de Suffolk num centro experimental<sup>19</sup>. Ela ficou conhecida pelo livro *Living Soil – O Solo Vivo*, publicado em 1943, obra seminal do movimento orgânico, motivando a fundação, em 1946, da entidade chamada *Soil Association*<sup>20</sup>, que existe até hoje. Nos EUA, o escritor Jerome Irving Rodale, influenciado pelas ideias de Albert Howard, contribuiu para a difusão do movimento com a fundação do *Rodale Institute*<sup>21</sup>, em 1947 e a publicação do livro *The Organic Front – A Frente Orgânica*, em 1948. Foi nos Estados Unidos também, no final da década de 1970 e início da década de 1980, que foram criados critérios para a regulamentação da agricultura orgânica<sup>22</sup>. No Brasil, esse movimento difundiu-se por pesquisadores e produtores orgânicos integrantes do Grupo de Agricultura Alternativa, que em 1989 constituíram a *Associação de Agricultura Orgânica – AAO*<sup>23</sup>. A expressão “agricultura orgânica” é uma das mais conhecidas pela opinião pública, e embora designe uma vertente específica da agroecologia, tornou-se sinônimo de agricultura sustentável.

A *Agricultura Biológica* apareceu na Suíça na década de 1930, protagonizada pelo biologista e político Hans Muller. Ainda que tivesse preocupações ambientais semelhantes às das vertentes biodinâmica e orgânica, sua motivação residia nas questões socioeconômicas e políticas, defendendo a autonomia dos agricultores no cultivo e na comercialização direta. Essa corrente só veio se propagar na década de 1960, difundida pelo médico austríaco Hans Peter Rusch, que sistematizou as ideias de Muller sobre a preservação do meio ambiente, a qualidade biológica dos alimentos e o desenvolvimento de fontes de energia renováveis<sup>24</sup>, premissas do ascendente movimento ambientalista dos anos 1960. Essa vertente diferenciava-se das outras em relação ao modo de organização dos agricultores, pois defendia a integração entre as propriedades agrícolas em associações regionais e cooperativas, para desenvolver atividades socioeconômicas. Foi na França que essa corrente tornou-se mais conhecida, com a criação de entidades como a associação *Nature et Progrès – Natureza e Progresso*, e a *Associação Francesa pela Agricultura Biológica*, em 1962. Divergências internas, devido ao caráter comercial da entidade, acabaram por dividir o movimento,

---

<sup>19</sup> Op. cit nota 16.

<sup>20</sup> Soil Association: [www.soilassociation.org](http://www.soilassociation.org)

<sup>21</sup> Rodale Institute é um instituto de pesquisa, ensino e extensão em agricultura orgânica: [www.rodaleinstitute.org](http://www.rodaleinstitute.org)

<sup>22</sup> DAROLT, Moacir Roberto. *Agricultura Orgânica, inventando o futuro*. Londrina: IAPAR, 2002.

<sup>23</sup> AAO: [www.ao.org.br/](http://www.ao.org.br/)

<sup>24</sup> Op. cit nota 10.

mas ela continuou sendo praticada na França como sinônimo de agricultura alternativa<sup>25</sup>.

A *Agricultura Natural* nasceu no Japão, em 1930, criada por Mokiti Okada, também fundador da Igreja Messiânica<sup>26</sup>. A premissa dessa vertente é o respeito às leis da natureza. Suas práticas foram muito difundidas no Japão e nos países do Ocidente após a Segunda Guerra Mundial. Antes da criação dessa corrente e da Igreja Messiânica, Mokiti Okada vivia como empresário bem-sucedido, mas foi à falência com a crise financeira de 1920 e o terremoto em Kanto, em 1923. Então, passou a se dedicar aos estudos da filosofia, das artes e da agricultura. Mokiti Okada defendia junto à religião messiânica o consumo de alimentos naturais, evitando-se produtos com substâncias químicas, com o propósito de purificar o corpo. De acordo com a sua proposta, as atividades agrícolas devem aproveitar ao máximo os recursos naturais, poupando energia de trabalho e evitando desperdícios. Em 1938, o pesquisador Masanobu Fukuoka, do Controle de Doenças e Insetos da Estação Experimental da Prefeitura de Koshi, também desenvolveu trabalhos experimentais da agricultura natural em sua fazenda. Nesses estudos, formulou o método *de não fazer*, em que o agricultor não deveria arar a terra, não aplicar inseticidas e fertilizantes e não aplicar compostos. Propunha ainda que se deveria aproveitar ao máximo o processo espontâneo da natureza, da chuva, do calor, do vento. Evitando esforços de trabalho e desperdício de energia, essa prática agrícola também foi chamada por ele de agricultura da natureza. Suas ideias foram publicadas no livro *One straw revolution: an introduction to nature farming* – Uma pequena revolução: introdução à agricultura natural, em 1978<sup>27</sup>.

No Brasil, o movimento da agricultura natural foi muito difundido pelos membros da Igreja Messiânica<sup>28</sup>, fundada em 1955. Hoje há mais de seiscentos *Johreis Centers* espalhados pelo país e o seu templo religioso, Solo Sagrado, localiza-se em Parelheiros, São Paulo.

---

<sup>25</sup> Op. cit nota 10.

<sup>26</sup> A Igreja Messiânica é um movimento religioso fundado em 1935, no Japão, por Mokiti Okada (1882-1955) conhecido entre os fiéis como Meishu-Sama. No Brasil, a Igreja Messiânica Mundial do Brasil é conhecida pelo *Johreis Centers*. A Igreja criou a Fundação Mokiti Okada que realiza pesquisas na agricultura, recuperação do meio ambiente, saúde e educação.

<sup>27</sup> Op. cit nota 10.

<sup>28</sup> Igreja Messiânica Mundial do Brasil: [www.messianica.org.br/](http://www.messianica.org.br/)

A *Permacultura* surgiu na Austrália na década de 1970, desenvolvida pelos pesquisadores australianos Bill Mollison e David Holmgren. Essa é uma das vertentes mais novas da agricultura alternativa e, como as anteriores, partilha dos mesmos princípios, não se utilizando de agroquímicos e de tratores, sendo dirigida às pequenas propriedades. Essa corrente recebeu grande influência da agricultura natural, principalmente das propostas de Masanobu Fukuoka, de otimizar os recursos da natureza, poupar o trabalho humano e evitar desperdícios de energia. Suas ideias também foram inspiradas pelos ideais pacifistas do movimento de contracultura de 1968<sup>29</sup>. As propostas da Permacultura são similares às outras vertentes, ou seja, manejo do solo, cultivo consorciado, combinando várias espécies de plantas e tamanhos diferentes, observação cuidadosa da paisagem para planejamento eficiente do plantio e da moradia e o uso de fontes renováveis de energia. Diferencia-se das outras correntes porque, além das práticas agrícolas, introduz a bioconstrução, que é um resgate de técnicas populares de construção de menor impacto ambiental, incluindo o tratamento de água e esgoto doméstico e incentivando a formação de comunidades ecológicas, como as ecovilas rurais ou urbanas.

A tradução de *Permaculture* é Cultura Permanente, o que significa utilizar uma cultura agrícola que possibilite o cultivo perene, em que a biodiversidade é suficiente para garantir o equilíbrio do ecossistema<sup>30</sup>. Essa vertente tem como premissas observar a natureza, considerar a sabedoria tradicional das populações e se apoiar no conhecimento científico e tecnológico<sup>31</sup>.

De acordo com Peter Webb, permacultor australiano residente no Brasil desde a década de 1980, a permacultura tem como princípio básico a adaptação à natureza local, aproveitando seu clima, sua vegetação, mas também incorporação dos aspectos socioculturais e das dinâmicas sociais. Portanto, no Brasil, a Permacultura propõe a economia solidária, o cooperativismo e as trocas solidárias, além de introduzir suas práticas nas áreas urbanas, individualmente ou coletivamente, com o modelo de Ecovilas<sup>32</sup>.

---

<sup>29</sup> MOLLISON, Bill e HOLMGREN. *Perma-culture One: a perennial agriculture for human settlements*. Tasmânia. Australia: Tagari, 1978.

<sup>30</sup> Idem *ibidem*.

<sup>31</sup> MOLLISON, Bill. *Introduction to permaculture*. Austrália: Tagari Publications, 1991.

<sup>32</sup> WEBB, Peter. "Permacultura, cultivando a Mata Atlântica". Parati: Naramanda, 2004 (apostila).

Assim como as demais vertentes da agricultura alternativa, a Permacultura, que surgiu mais tarde, observou os resultados da “Revolução Verde” na Austrália e se opôs aos métodos da agricultura convencional, como escreveu Bill Mollison, no prefácio do livro *Permaculture One: a perennial agriculture for human settlements*:

*“A produção agrícola convencional não reconhece e não paga seus custos verdadeiros: a terra é minada em sua fertilidade para produzir grãos e vegetais anuais; recursos não renováveis são utilizados para apoiar a produção; a terra sofre erosão pelo excesso de animais nela mantidos e pelo cultivo demasiado; terra e água são poluídas com produtos químicos. Quando as necessidades de um sistema não são supridas de dentro dele, nós pagamos o preço em consumo de energia e em poluição. Não podemos mais arcar com os custos verdadeiros de nossa agricultura. Ela está matando nosso mundo, e nos matará”.*<sup>33</sup>

A introdução da Permacultura no Brasil é recente. Foi na década de 1990 que surgiram os primeiros centros de experimentação, tais como o *Instituto de Permacultura da Bahia*, no interior da BA, *IPEP – Instituto de Permacultura e Ecovila da Pampa*, no RS, *IPEMA - Instituto de Permacultura da Mata Atlântica*<sup>34</sup>, em Ubatuba –SP, entre outros. O pensamento dessa corrente foi adotada por movimentos religiosos, como o *Budismo Zen* e a *Igreja do Santo Daime*, os quais necessitam de espaços verdes, arborizados, para a prática de rituais. Além disso, também é difundida por pesquisadores como o australiano Peter Webb, em ONGs como a *Permacultura do Instituto Ser Humano* e em consultorias para agricultores interessados. Como já disse na apresentação deste texto, foi no acompanhamento da assessoria prestada pelo permacultor Peter Webb na Comunidade “Irmã Alberta”, que tive inspiração para a pesquisa.

Meu tema de pesquisa consiste em estudar experiências em atividades da agricultura sustentável, por entender como alternativa à agricultura convencional. Como muitos autores que estudam a agricultura familiar, partilho da opinião de que projetos de permacultura e/ou agroecologia<sup>35</sup> podem suprir as necessidades humanas de modo eficaz e eficiente, desde que recebam orientação técnica, apoio político dos gestores

---

<sup>33</sup> Op. cit nota 29.

<sup>34</sup> Ver bibliografia.

<sup>35</sup> Utilizo o termo agroecologia como sinônimo de práticas sustentáveis, como é usado, em geral, no meio agrícola.

públicos e que possam ou construam uma forte consciência coletiva em torno da sua opção por práticas alternativas.

A escolha de duas comunidades socialmente distintas – um assentamento de reforma agrária e uma ecovila, foi deliberado. Enquanto uma reúne trabalhadores sem-terra, a ecovila faz parte do movimento de comunidades alternativas de classe média, o que permite identificar os aspectos sociais aos quais se possa atribuir o maior ou menor sucesso das experiências. As comunidades estudadas foram descritas de acordo com a sua história, condição social e econômica, universo intelectual e ideológico, de modo a poderem ser comparadas quanto ao processo para se alcançar a sustentabilidade.

Nesse caso, o conceito de sustentabilidade deve integrar fundamentos ambientais, sociais e econômicos articulados aos interesses da Sociedade Civil, Estado e Setor Privado para a construção de Políticas Públicas. Acredito que a relevância de se estudar tais experiências está no fato de que elas podem se constituir na sustentação técnica de projetos sociais de empoderamento e desenvolvimento humano de comunidades pequenas e com poucos recursos. No caso brasileiro, em especial, elas podem servir de modelos ideais para assentamentos de reforma agrária, comunidades tradicionais e agricultura familiar em geral. Além disso, os planejamentos de projetos urbanos e rurais devem estar pautados nos princípios de Desenvolvimento Sustentável presentes na *Agenda 21 – Desenvolvimento Local e gestão de recursos ambientais*<sup>36</sup>. Esses princípios visam garantir a preservação da biodiversidade; recursos naturais fundamentais para o sustento da população atual e das futuras, com consequente melhoria contínua da qualidade de vida<sup>37</sup>.

Porém, os desafios para a implementação de Projetos Sustentáveis são muitos. Há falta de interesse político, e conseqüentemente falta de investimentos público para o desenvolvimento dessas experiências. Sobretudo, a influência do setor privado, que

---

<sup>36</sup> A Agenda 21 é um documento instituído na conferência Eco-92, ocorrida no Rio de Janeiro, Brasil, em 1992, a fim de que cada país se comprometesse a resolver as questões socioambientais. Sendo que nas ações dessa Agenda cabem a discussão dos diversos setores da sociedade, público, privado; industrial, serviços e sociedade civil, tanto em nível global como local. Ela também é definida como um instrumento de planejamento para a construção de sociedades sustentáveis, em diferentes bases geográficas, que concilie métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica. ([www.mma.gov.br](http://www.mma.gov.br)).

<sup>37</sup> Como qualidade de vida entende-se o acesso à moradia digna, meio ambiente saudável, lazer e cultura, transportes, trabalho e renda.

historicamente obtém grandes lucros por meio da exploração predatória dos recursos naturais e dificulta a expansão dessas ideias.

No Capítulo I, apresento os assentamentos de reforma agrária pertencentes ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem -Terra - MST, a Comunidade “Irmã Alberta” e a Comunidade “Dom Tomás Balduino”. Primeiro, relato a experiência da Comunidade “Irmã Alberta” com a prática da permacultura introduzida por Peter Webb. Em seguida, relato a respeito da Comunidade “Dom Tomás Balduino”, que também realiza um projeto de agroecologia do MST.

No Capítulo II, conto a experiência da Comunidade “Parque Visão Futuro”, conhecida também por Ecovila de Porangaba, localizada no interior de São Paulo.

O trabalho de campo foi realizado por meio de entrevistas nas comunidades, bem como consultas a sites e publicações. A pedido dos membros do MST, não serão indicados os nomes e fotos dos entrevistados, excetuando-se aqueles que publicaram trabalhos e deram declarações públicas.

De modo geral, fui muito bem recebida por lideranças e assentados, os quais contribuíram com entrevistas, acompanhamento de visitas, disponibilizando um tempo precioso para me atender. Porém, tive dificuldades no fechamento da pesquisa de campo em que necessitava confirmar alguns dados com representantes da estrutura regional do MST. Compreendi que as lideranças estão muito envolvidas no cenário político atual e, portanto, não teriam tempo nem se sentiriam à vontade para serem entrevistados.

Na Ecovila realizei menor número de visitas e entrevistas devido à distância e a falta de disponibilidade dos membros da sua coordenação para me receber. Tentei por diversas vezes entrevistar a fundadora da Ecovila, Susan Andrews, porém não foi possível. Embora muito simpática à ideia da minha pesquisa, acabou por transferir o meu pedido de entrevista para o membro de relações públicas da comunidade. Busquei então me aproximar da Ecovila ao participar dos seus múltiplos eventos. Essa estratégia também fracassou, pois não sobrava tempo para entrevistas livres, em meio às atividades. Tive, então, que me contentar com entrevistas bastante curtas e troca de e-mails com membros da comunidade. Consequentemente, o quadro que pude construir a respeito

das experiências da ecovila em matéria de permacultura é muito mais fragmentário e impressionista, do que aquele relativo aos assentamentos de reforma agrária.

A comparação entre duas experiências, analisada no último Capítulo, tem o intuito de identificar a viabilidade técnica, econômica e social desses projetos, analisando até que ponto suas dificuldades advêm das tecnologias alternativas adotadas ou têm a ver antes de tudo com questões de ordem ideológica, política e social. Isto é, questões inerentes às próprias comunidades estudadas, como problemas de organização coletiva e falta de consenso no grupo com relação à visão sociopolítica e à prática ecológica.

## **CAPÍTULO 1:** Experiências de Assentamentos de Reforma Agrária

1.1 - O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

1.2 - Experiência do “Acampamento Irmã Alberta”

1.3 – Experiência “Dom Tomás Balduino”

*“O processo de colonização brasileiro se baseou num uso extensivo do espaço. A introdução em larga escala do cultivo da cana-de-açúcar implicou a doação de vastas porções de terra a quem se aventurasse a vir para o Brasil, com o objetivo de se dedicar a esta atividade. O regime de sesmarias foi efetivado, portanto, em função dos interesses externos que determinaram as condições em que seriam empreendidas as atividades produtivas. Encontra-se aí a origem primeira do latifúndio brasileiro e da exploração monocultural da terra”.*<sup>38</sup>

## **1. 1 - Histórico do MST**

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra - MST, constituiu-se formalmente em 1984, embora a formação desse movimento social se iniciasse há muito mais tempo. Segundo João Pedro Stédile, da direção nacional do MST, sua origem se encontraria no final do século XIX, quando acirrou-se o conflito de terras após a libertação dos escravos e a vinda dos imigrantes europeus para trabalhar no campo como mão de obra barata<sup>39</sup>.

Foi em meados da década de 1940 que surgiu a expressão ligas camponesas, com a redemocratização do país, fortalecimento dos movimentos de esquerda e a legalização do Partido Comunista Brasileiro – PCB. O papel das ligas camponesas foi o de organizar os movimentos do campo em várias partes do país, uma vez que não era permitida a formação de sindicatos rurais<sup>40</sup>.

Na década de 1950, a mobilização no campo havia crescido, foram legalizados sindicatos rurais e o PCB apoiou a formação da Associação de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil - ULTAB, que reunia associações e sindicatos de trabalhadores rurais brasileiros. Em 1955, surge a organização Ligas Camponesas, que atuava principalmente na região Nordeste<sup>41</sup>. Com o golpe militar de 1964, como se sabe, houve uma grande desmobilização social com muita violência. E só após vinte anos, com a reabertura da democracia no país, foi que ressurgiram movimentos sociais na cidade e no campo, entre eles o MST.

---

<sup>38</sup> CARVALHO, Horácio Martins de. *O Campesinato no Século XXI: possibilidades e condicionantes do desenvolvimento do campesinato no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2005.

<sup>39</sup> STÉDILE, João Pedro. *História e Natureza da Ligas Camponesas*. São Paulo, Expressão Popular, 2002.

<sup>40</sup> Idem.

<sup>41</sup> Idem.

De acordo com o estudo de Maria Antonia Souza, “As Relações entre o Movimento Sem -Terra e o Estado”, os elementos centrais que deram origem ao MST foram a luta pela terra dos trabalhadores rurais, desempregados ou pequenos proprietários, que foram expropriados de suas áreas, devido às transformações socioeconômicas sofridas pela agricultura brasileira na década de 1970.

Desde a sua formação em 1984, o MST contou com o apoio das Pastorais da Igreja Católica principalmente influenciadas pela Teologia da Libertação, pela Igreja Luterana, pelo movimento sindical e pelos partidos de esquerda. Esses atores sociais, segundo João Pedro Stédile, formaram a base ideológica do Movimento:

*“(...)Três vertentes sócio-ideológicas, foram fundamentais na constituição/formalização do Movimento, a saber: o trabalho da Pastoral da Igreja Católica; lideranças do nascente sindicalismo combativo (representado pela Central Única dos Trabalhadores – CUT); e lutadores sociais de diferentes organismos, tais como o Partido dos Trabalhadores (PT)”<sup>42</sup>.*

Foi no final dos anos 1980, e principalmente durante os anos 1990 que o MST passou a ganhar visibilidade nacional com a repercussão na mídia de ações de desocupação de prédios e áreas públicas. Foi nesse período também que ocorreu a ocupação de áreas do Pontal do Paranapanema, no estado de São Paulo, com grande mobilização do Movimento. O MST investiu nessas ocupações, elaborando materiais de educação, formação e cooperação agrícola para os trabalhadores rurais.

A partir dessa época, o Movimento organizou sua atuação em instâncias nacionais, estaduais, regionais e locais para a participação dos militantes. Posteriormente, a organização foi estruturada em setores de Educação, Produção, Formação, Frente de Massa, Finanças, Comunicação e Projetos Nacionais. Esse último se divide em setor de Relações Internacionais e Direitos Humanos.

---

<sup>42</sup> SOUZA, Maria Antonia. “As Relações entre o Movimento Sem Terra (MST) e o Estado: Programas de Alfabetização de Jovens e Adultos no Paraná”. In: DAGNINO, Evelina (organizadora). *Sociedade Civil e Espaços Públicos no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

Essa estrutura de organização do movimento nacional se reproduz nos acampamentos e assentamentos, adaptando-se à dinâmica das comunidades. No caso das comunidades estudadas, constatei a existência dos setores de educação, formação, produção e gênero. Cada setor tem um representante, o qual é responsável pela organização do coletivo, pela articulação de parcerias com sindicatos, entidades afins, universidades e organizações não-governamentais, e de negociações com o Estado, visando desapropriações de terra e reivindicação de linhas de crédito<sup>43</sup>.

A partir do desenvolvimento das ações e das conquistas dos grupos, o Movimento vem se expandindo e se aproximando das cidades, por exemplo, com ocupações em regiões da Grande São Paulo. Essas ocupações em grandes centros urbanos é uma adaptação do Movimento às transformações da realidade socioeconômica, na qual a população rural vem diminuindo drasticamente devido à expansão agrícola do grande agronegócio. Com isso, muitos trabalhadores rurais e pequenos proprietários abandonam suas regiões de origem em muitos estados brasileiros, vindo se estabelecer precariamente nas grandes cidades. No caso do estado de São Paulo, a urbanização aumentou de tal forma, que a população rural representaria apenas 4% do total<sup>44</sup>, segundo representantes do MST<sup>45</sup>.

Aliás, o problema do êxodo rural foi um fenômeno constante no desenvolvimento das sociedades industriais, em que o contingente da população rural empobrecida, expulsa das terras, parte em direção aos centros urbanos em busca de trabalho. Como pode-se ver pela atualidade do texto de Karl Marx, referindo-se à Inglaterra do século XVI:

*“A expropriação e a expulsão da população rural, renovadas, intermitentes, proporcionaram à indústria urbana massas sempre novas de proletários inteiramente desligados da esfera corporativa. Devemos deter-nos um pouco no exame desse fator da acumulação primitiva. O escasseamento dos camponeses independentes que mantinham sua própria cultura correspondia ao adensamento do proletariado industrial (...) Parte dos habitantes rurais se torna disponível e se desvincula dos meios de subsistência com que se abastecia. Esses meios se transformam então em elemento material do capital variável. Os*

---

<sup>43</sup> Idem op.cit nota 42.

<sup>44</sup> Conforme dados do IPEADATA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, a população rural no estado São Paulo, no ano 2000, era de 7% do total da população. [www.ipeadata.gov.br](http://www.ipeadata.gov.br)

<sup>45</sup> De acordo, com site do MST: [www.mst.org.br](http://www.mst.org.br) (acessado em fevereiro de 2009) e entrevistas realizadas com representantes do MST, entre junho de 2008 a janeiro de 2009.

*camponeses expulsos da lavoura têm de comprar o valor desses meios, sob a forma de salário, a seu novo senhor, o capitalista industrial”.*<sup>46</sup>

A partir de 2001, o MST adota uma nova estratégia de ação para combater esse fenômeno antigo, com as Comunas da Terra e Urbana, presentes nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco. A Comuna tem por objetivo organizar acampamentos e assentamentos em áreas menores, de produção agroecológica, ao redor dos centros urbanos, na tentativa de resgatar os agricultores, que migraram para as grandes cidades. Conforme site do MST Nacional, trata-se de uma nova concepção de reforma agrária, baseado nas características de hoje, pois os agricultores estão muito urbanizados<sup>47</sup>.

Em entrevista, um representante do MST contou que a ideia da Comuna, referindo-se à experiência na Grande São Paulo, é trabalhar sem a dicotomia rural e urbano, uma vez que o capital não se organiza como no passado, em que havia o industrial na cidade e o dono da fazenda no campo, com uma cartucheira na mão e o capataz. Hoje, os grandes proprietários de terra investem na Bolsa de Valores e também são acionistas de grandes indústrias. Portanto, a globalização da economia, ao contribuir para a concentração de renda, fortaleceu o patronato. Por isso, o MST também teve que se organizar de uma forma integrada, sem separar o campo da cidade<sup>48</sup>.

A organização do MST por meio da Comuna respondeu a uma questão inicial do meu trabalho de campo, que era a de explicar porque predominava em um movimento de trabalhadores rurais sem-terra, militantes com características sociourbanas, no caso das comunidades estudadas. Claro que esta questão não é só minha, é um assunto corrente na mídia brasileira, a qual vem criticando as ações do MST também pelas características urbanas dos militantes. Quando perguntei a uma liderança, também representante da secretaria regional do MST em São Paulo, sobre tal fato, ele logo me respondeu, todos

---

<sup>46</sup> MARX, Karl. *O Capital. Livro 1: O Processo de Produção do Capital - Volume 2*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1975.

<sup>47</sup> Site do MST: [www.mst.org.br](http://www.mst.org.br) (acessado em fevereiro de 2009).

<sup>48</sup> Entrevista com representante de instituição parceira do Movimento. Realizada em janeiro de 2009.

nós, os militantes deste Assentamento (Dom Tomás Balduino) somos 100% de origem urbana, pois esta é a realidade do Estado de São Paulo, onde predomina a vida urbana<sup>49</sup>.

As comunas organizam-se de duas formas: a Comuna da Terra, com assentamentos em áreas rurais, e a Comuna Urbana, com assentamentos em áreas urbanas, tais como áreas de favelas. São exemplos de Comunas da Terra o Acampamento “Irmã Alberta”, no bairro de Perus, periferia de São Paulo e o Assentamento “Dom Tomás Balduino”, em Franco da Rocha, os quais apresento nesta pesquisa. Quanto às comunas urbanas, experiência ainda mais recente, existe a Comunidade “Dom Pedro Casaldáliga”, em Cajamar e “D. Helder Câmara”, em Jandira, também Grande São Paulo<sup>50</sup>. A proposta de produção para todas essas comunidades é agroecológica, de acordo com os princípios estabelecidos pela Comuna para os militantes das novas áreas. Assim como faz parte da estratégia das comunas ocupar áreas próximas às cidades, visando facilitar a comercialização da produção, o acesso de militantes aos equipamentos sociais de saúde, educação, além de propiciar o contato com potenciais parceiros, outros movimentos sociais, organizações da sociedade civil e universidades.

Estudar assentamentos de reforma agrária próximos à capital foi um fator que pesou na escolha da minha pesquisa de campo, no entanto foi uma coincidência o fato dos dois assentamentos pertencerem às comunas, pois no início da pesquisa não tinha conhecimento sobre o assunto. Aos poucos, cruzando as informações fui descobrindo que se tratava de uma nova estratégia de ocupação do MST.

Numa entrevista para uma rádio comunitária<sup>51</sup>, um membro da direção nacional do MST explicou outros objetivos da Comuna, falando sobre a experiência de “Dom Tomás Balduino”. Segundo ele, o fato de os agricultores estarem mais próximos das cidades facilita o escoamento da produção, evitando a intermediação de comerciantes, contribuindo para a autonomia da comunidade. Com o desenvolvimento da agricultura planejam fazer o beneficiamento da produção primária, com a organização de cooperativas para agregar mais renda.

---

<sup>49</sup> Entrevista realizada em junho de 2008, no Assentamento Dom Tomás Balduino.

<sup>50</sup> Dados de entrevistas com lideranças e site do MST nacional.

<sup>51</sup> Entrevista de membro da Direção Nacional sobre a Comuna da Terra, no site *Pulsar Brasil – Agência Informativa de Rádios Comunitárias*: [www.brasil.agenciapulsar.org](http://www.brasil.agenciapulsar.org) (Acessado em fevereiro de 2009).

No início da pesquisa, o questionamento que me instigava era saber como fora introduzida a agroecologia nas comunidades estudadas. Pois como se sabe, o modelo de agricultura convencional do agronegócio inspirou inclusive os movimentos de esquerda.

No caso “Irmã Alberta”, os entrevistados me contaram que a discussão sobre a agroecologia foi iniciada antes da ocupação da área, sendo levada pelas lideranças da secretaria do MST em São Paulo, instância de organização regional do Movimento, alinhada com as diretrizes da Direção Nacional do MST. Já no caso “Dom Tomás Balduino”, que é a primeira Comuna da Terra do Estado de São Paulo, o debate sobre a produção agroecológica foi levantado pelos próprios acampados no início da ocupação. Isso porque enfrentavam muitas dificuldades na produção de subsistência, tendo em vista os problemas do solo árido e de pragas, e como não tinham acesso a tecnologias sofisticadas, procuraram alternativas viáveis. Então, passaram a introduzir as práticas agroecológicas<sup>52</sup>. Para esse trabalho, as lideranças buscaram parcerias para ajuda técnica, tais como a “Pastoral Comunitária” (ligada à Igreja Católica), o “Centro de Educação, Estudos e Pesquisas – CEEP” (ligado a sindicatos de trabalhadores), o “Permacultura do Instituto Ser Humano – Permaish” (organização da sociedade civil), entre outras. Com o grupo “Permaish” pude acompanhar, durante um período, o trabalho de assessoria desenvolvido no “Irmã Alberta”.

## **1.2 - Experiência “Irmã Alberta”**

O primeiro que estudei foi a Comunidade *Irmã Alberta*, do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra -MST, na periferia de São Paulo, divisa com o município de Cajamar. O assentamento está localizado a 650 m da Rodovia Anhanguera, no km 27,6, no bairro Maria Trindade, distrito de Perus. O início da ocupação ocorreu em meados de 2003, com a formação do acampamento pelas famílias, que ergueram seus barracões e começaram a plantar para subsistência. Não havia energia elétrica e o acesso à água era difícil.

---

<sup>52</sup> Entrevistas realizadas em janeiro de 2008 e trabalho de conclusão de curso de assentado da “Comuna Dom Tomás Balduino”: AMORIM SILVA, João Batista. *A Experiência da Produção Ecológica no Assentamento Dom Tomás Balduino*. Veranópolis, 2006.

A comunidade foi batizada em homenagem à freira Irmã Alberta, que, junto com outras freiras da Igreja Católica, auxilia os militantes desde a ocupação, morando no próprio acampamento.

Atualmente estão pré-assentadas 37 famílias, já em seus lotes. Esse pré-assentamento, de acordo com o *Instituto Nacional da Colonização e Reforma Agrária – INCRA*, ainda é considerado um acampamento, porque o processo de regularização legal da posse e domínio da terra ainda está em andamento<sup>53</sup>. A conversão do acampamento em assentamento estava prevista para ocorrer até o fim do primeiro semestre de 2009, com o recebimento do termo de imissão de posse da terra<sup>54</sup>. Esse termo é uma forma jurídica concedida por um juiz que permite o ingresso ao imóvel. No caso da reforma agrária, a imissão acontece quando o juiz decide que a posse da área será destinada a um órgão público, o qual será responsável pelo assentamento de famílias<sup>55</sup>.

O acampamento ocupa uma área de 117 hectares na antiga Fazenda Itahyê. A área pertencia à Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo –SABESP, e era utilizada como depósito de entulhos. Segundo os assentados e reportagens de jornais, teria havido um projeto de transformá-la em lixão<sup>56</sup>. Conforme avaliações do processo pelo Incra, inicialmente o solo da área não possuía aptidão agrícola, com terras inadequadas para cultivo, problemas de fertilidade, sujeitas à erosão e não favoráveis à mecanização, devido ao relevo acentuado. Quanto aos recursos hídricos, o documento dizia que havia problemas de escassez de água e poluição, com necessidade de recomposição da mata para preservação permanente, às margens do Córrego Itaim<sup>57</sup>.

Em meados de 2004, visitei o acampamento pela primeira vez, quando pude constatar que se tratava de uma terra árida, desflorestada e com sinais de degradação ambiental. Por essas razões, a Comuna da Terra buscou apoio de parceiros e voluntários que prestassem assessoria às famílias para projetos de agroecologia/permacultura, a fim de

---

<sup>53</sup> A definição de Acampamento segundo o “Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária –Incrá” é; “*área ocupada por famílias que aguardam para serem assentadas. O acampamento representa principalmente um espaço de luta que reivindica terra e a inclusão das famílias como beneficiárias do programa de reforma agrária*”.

<sup>54</sup> Informação obtida em entrevista com os acampados e confirmado pelo INCRA.

<sup>55</sup> Conforme *Guia da reforma agrária em São Paulo: Introdução às Questões Agrárias e Fundiárias do Estado de São Paulo, do Incra-SP, 2005*.

<sup>56</sup> Entrevistas realizadas em setembro de 2004, antes do início desta pesquisa e arquivo da Folha São Paulo, [www.uol.com.br](http://www.uol.com.br) (acesso em janeiro de 2009).

<sup>57</sup> Informação obtida no INCRA, no processo do Acampamento “Irmã Alberta”, em fevereiro de 2009.

melhorar a agricultura, recuperar o solo, reflorestar a área, despoluir as águas, ou seja, melhorar a qualidade de vida ambiental, para garantir o cultivo de subsistência.

Foi nesse período que pude acompanhar o trabalho de assessoria do permacultor Peter Webb<sup>58</sup>, na época associado à ONG “Permaish”. Ele reunia grupos interessados e dava aulas teóricas e práticas de permacultura. Em alguns encontros, algumas famílias diziam ter pressa de plantar para comer, enquanto muitas outras queriam plantar para comercializar. Peter Webb insistia em que o importante era começar a plantar para comer, ideia que não agradava a maioria que queria produzir para comercializar<sup>59</sup>. Ele lhes explicava que era essencial que eles pudessem garantir a sua autosuficiência em primeiro lugar.

Assim se iniciou o desenvolvimento da permacultura na comunidade. Logo no começo foi incentivada a formação de banco de sementes para plantio e reflorestamento. O armazenamento de sementes de plantas é importante, pois essas normalmente são vendidas no mercado e os agricultores não têm recursos para comprá-las. Além disso, a prática de colher sementes é um exercício de conhecimento de plantas para os agricultores, que devem observar o período adequado de colheita e germinação.

Outra atividade proposta era observar o meio ambiente antes de plantar, se o relevo era plano ou acidentado, estar atento às interferências climáticas, lugares com mais sol, mais umidade, posição dos ventos, para poder planejar os cultivos adequados àquele ambiente, ou seja, lições da permacultura.

Os agricultores do assentamento decidiram introduzir o sistema agroflorestal próximo aos fragmentos de mata, prática que consiste em plantar diversas espécies de árvores e plantas, buscando recompor a área com espécies nativas, árvores frutíferas para o pomar, leguminosas e feijões, que ajudam a recuperar o solo. Outra técnica da permacultura implantada foi a horta *mandala*, ou seja, uma horta grande, em formato de

---

<sup>58</sup> Peter Webb, é australiano, formou-se na Austrália em *Horticultural Science*; estudou Permacultura com o precursor dessa escola Bill Mollison. Foi responsável pelo Banco de Sementes do Jardim Botânico de Melbourne por três anos. Em 1980, mudou-se para a Inglaterra onde deu início ao trabalho de Cirurgia em Árvores e formou-se em Agricultura Biodinâmica, na *Emerson College*, em Londres. Em 1984, mudou-se para o Brasil. (Informações de entrevista e do site [www.moradadafloresta.org](http://www.moradadafloresta.org), acesso em fevereiro de 2009).

<sup>59</sup> Observações anotadas em encontro/oficina realizada no Acampamento em setembro de 2004.

círculo, mandala<sup>60</sup>, na qual são plantadas hortaliças, leguminosas, plantas de raiz em meio a árvores frutíferas e arbustos. A horta *mandala* é uma prática da permacultura, popularizada na década de 1970, na Austrália, pelo naturalista Bill Mollison<sup>61</sup>. Sua ideia foi criar um jardim de plantas circulares, de acordo com as formas sinuosas da natureza, isto é, canteiros com linhas curvas, de modo a acumular água para o plantio de frutíferas. No meio da *mandala* fica o círculo das hortaliças e, por fora, os círculos das árvores, ou seja, o método da permacultura se baseia no consórcio de plantas, que intercala espécies diferenciadas.

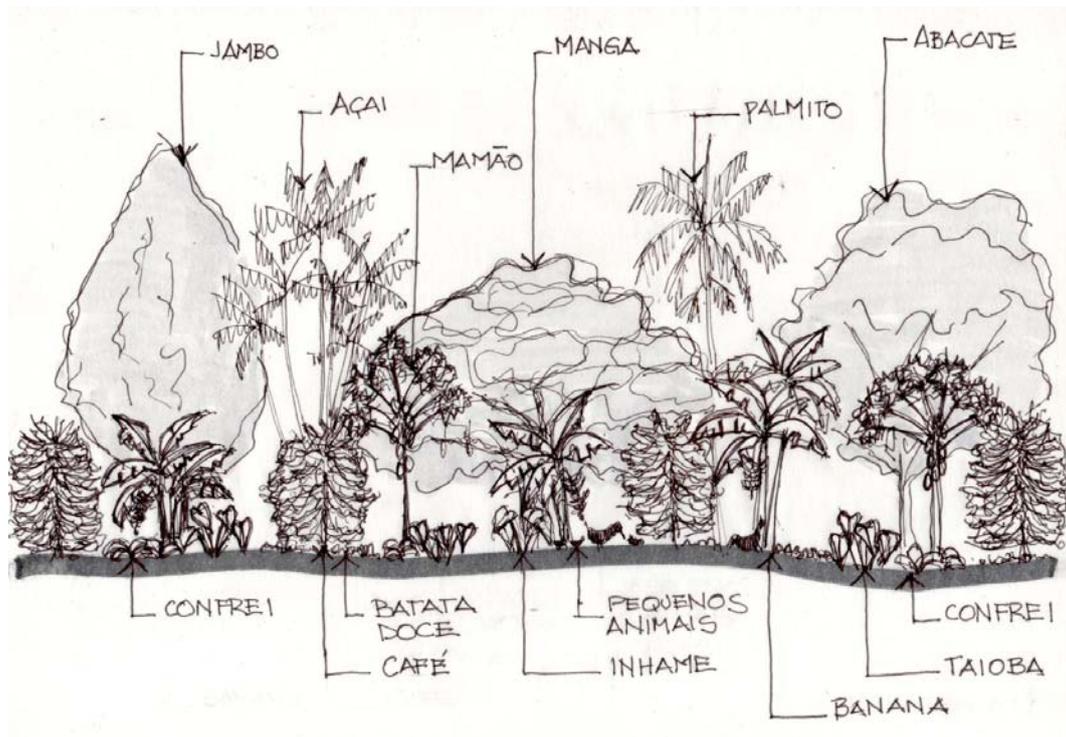
*“Uma mistura de árvores leguminosas, frutas, bananas, mamão, mandioca, batata-doce e confrei pode ser plantada em solos fofos e em canais de irrigação. Deveria haver espécies grandes plantadas a cada intervalo de 8 a 10 metros (mangas, abacates, jacas) com espécies pequenas (cítricos, Cythomandra betacea, goiaba), intercalados com coqueiros durante o período de estabelecimento. Arbustos e plantas menores são plantados para preencher as lacunas (...) Tais consórcios de plantas são necessários, especialmente, nos primeiros anos de estabelecimento do pomar. Árvores de 10 ou mais anos de idade são bem menos suscetíveis à competição dos capins e, por consequência, os plantios de cobertura são menos necessários<sup>62</sup>”.*

---

<sup>60</sup> A palavra mandala vem do sânscrito, significa "sagrado" ou "círculo mágico". A Horta mandala foi planejada como um jardim de círculos concêntricos. Explicação de Peter Webb em oficinas do grupo *Permaish*, em 2004.

<sup>61</sup> Bill Mollison, nasceu na Austrália, é naturalista, professor, cientista, conhecido como precursor da Permacultura. Entre suas obras estão: *Permaculture One: A Perennial Agriculture for Human Settlements* with David Holmgren, Trasworld Publishers, 1978; *Permaculture Two: Practical Design for Town and Country in Permanent Agriculture*. Tagari Publications, 1979; *Permaculture - A Designer's Manual*, 1988 e *Introdução à permacultura*, 1991.

<sup>62</sup> MOLLISON, Bill e SLAY, Reny. *Introdução à Permacultura*. s.l.: Novotempo, 2003.



Exemplo de Consórcio de plantas<sup>63</sup>.

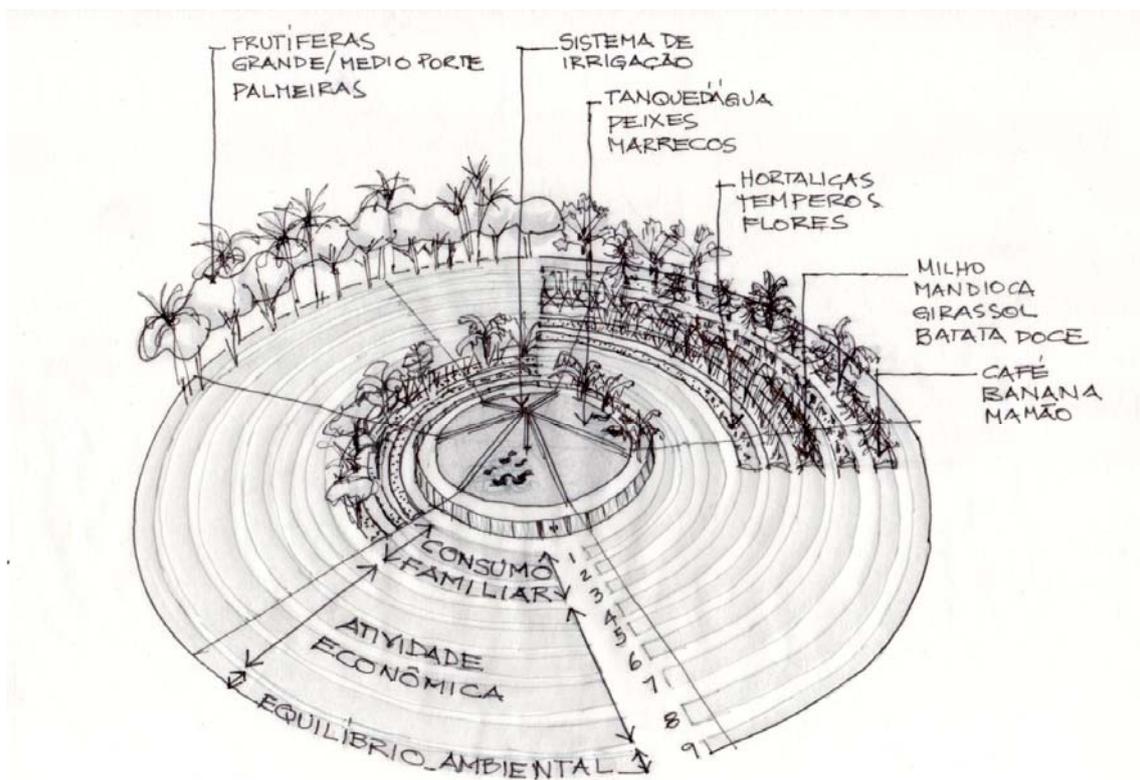


Ilustração de Horta mandala<sup>64</sup>.

63

Desenhado pela arquiteta Licia Beccari.

64

Idem.

Assim a diversidade das espécies beneficia umas às outras, desde a sombra de uma, o solo coberto por folhagens, plantio de ervas e flores ao redor de hortaliças, dando conta dos parasitas<sup>65</sup>.

Quanto aos recursos hídricos do acampamento, no início as famílias tinham de percorrer a pé alguns quilômetros para buscar água em baldes num rio de águas poluídas que faz divisa com Cajamar. Mas na medida em que os acampados começaram a se organizar em lotes familiares, iniciando o cultivo de subsistência, construíram poços artesianos. Como os poços puxam água do lençol freático, as famílias passaram a se preocupar com a contaminação da água pelos dejetos gerados pelo esgoto doméstico. Essa preocupação trouxe à tona o debate de como fazer o tratamento biológico do esgoto sanitário e foi o começo da construção do banheiro seco.

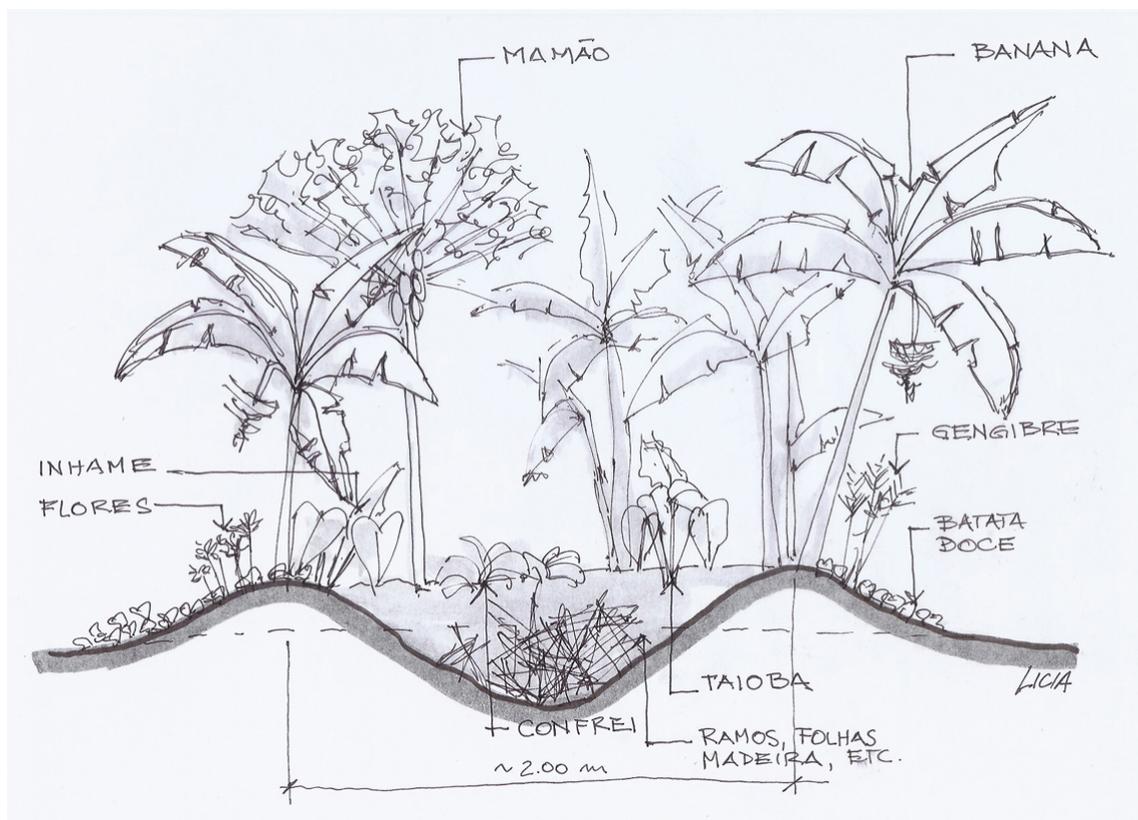
A técnica do banheiro seco leva esse nome porque as fezes são separadas da urina. Sua aplicação é simples e barata, mas desconfortável para alguns. Essa experiência foi implantada em algumas casas, que aderiram à utilização do tratamento doméstico dos dejetos sanitários. Para a construção, um assento sanitário é colocado sobre um balde plástico, latão ou uma pequena caixa metálica, em que deve-se jogar serragem de eucalipto ou matéria orgânica seca, sempre que necessário, a fim de evitar odor e produzir composto orgânico. Quando o recipiente estiver cheio, despeja-se o conteúdo numa caixa de cimento, que pode ser uma caixa de água inutilizada. Daí em diante, utiliza-se o processo de compostagem caseira, em que se acrescenta areia, terra seca, restos de alimentos orgânicos, deixando-os dentro da caixa de cimento fechada, embaixo do sol, revolvendo-os diariamente. O calor do sol e da terra elimina os fungos e insetos e, quando o composto alcançar uma consistência homogênea, com grãos uniformes, é transferido para um minhocário, onde se agregará o húmus, gerando um adubo natural.

O tratamento de urina e da água do banheiro é feito através da técnica Roda de Bananeiras. Para implantar, coloca-se uma tubulação que sai do encanamento do bidê e outra da pia do banheiro, direcionando o líquido para a roda de bananeira. Essa deve ser

---

<sup>65</sup> Oficinas com Peter Webb, realizadas no Acampamento “Irmã Alberta” em setembro de 2004 e atividades do grupo Permaish, entre junho a dezembro de 2004.

plantada em círculo, próxima à casa, onde se cava uma valeta na parte de dentro, no meio do qual se faz um buraco mais fundo, onde se coloca uma manilha<sup>66</sup> de feixes de bambu. Depois, cobre-se a manilha com uma camada de jornal ou papelão, mais uma camada de pedras e, por cima, coloca-se terra com areia, cuidando que esse meio esteja sempre coberto de material orgânico seco, como palha. Por último, pode-se plantar flores em volta do círculo para cuidar do aspecto visual e atrair pássaros e abelhas. Os pássaros produzem esterco rico em nutrientes para a recuperação do solo e as abelhas fazem a polinização<sup>67</sup>.



### *Roda de Bananeiras*<sup>68</sup>.

A roda de bananeiras pode ser substituída pela roda de maracujá, do palmito, do confrei e do inhame, respeitando a cultura local e a adaptação de espécies<sup>69</sup>, segundo os princípios da permacultura, que dizem:

<sup>66</sup> Manilha - tubulação para escoamento de águas e esgotos, o material pode ser de cerâmica, concreto ou aço. Conforme Dicionário Aurélio digital, 2007.

<sup>67</sup> Explicação de Peter Webb, em curso de introdução à Permacultura, realizado em Parati-RJ, em julho de 2004.

<sup>68</sup> Desenhado pela arquiteta Licia Beccari.

*“A Permacultura pode ser desenvolvida em qualquer tipo de terreno: morros rochosos, alagadiços, regiões alpinas, planícies aluviais ou desertos (...) toda paisagem ou ecossistema natural irá ditar a natureza geral da Permacultura possível<sup>70</sup>”.*

No entanto, embora houvesse preocupação da comunidade quanto ao tratamento da água, essa técnica teve pouca adesão. Isso ficou evidente quando, após a construção do primeiro banheiro seco de uso coletivo, muitos resistiam em usá-lo porque não queriam participar da distribuição de tarefas, que consistia em tratar o composto. Algumas pessoas, empolgadas com a tecnologia, diziam que a grande dificuldade era convencer o grupo de retirar o recipiente cheio e levá-lo até a composteira.

O permacultor Peter Webb, ao comentar esse episódio mais tarde, me disse que é preciso respeitar as questões culturais. Ele exemplificou contando sua experiência de implantação do banheiro seco numa aldeia indígena de Guaranis, no bairro de Parelheiros, extremo sul de São Paulo. Os indígenas não se adaptavam a sentar-se no vaso sanitário, as crianças se incomodavam com o barulho e os adultos reclamavam de prisão de ventre, isso porque tinham o costume de ficar de cócoras nas latrinas. Então, chegaram à conclusão que era melhor suspender<sup>71</sup>.

Apesar das resistências, houve famílias que implantaram o banheiro seco em suas moradias e demonstraram-se satisfeitas. Há uma família que possui dois banheiros, um convencional para visitas e o banheiro seco. Nesse caso, a família diz fazer também o tratamento doméstico do esgoto do banheiro convencional, de modo que cavam uma fossa, colocando manilhas e depois cimento, para não contaminar o solo e o lençol freático.

Já a assentada que implantou o banheiro seco em sua casa em 2004, orgulha-se dele. Seu banheiro tornou-se modelo e atração de visitantes no acampamento, recebendo visitas de muitos estudantes, simpatizantes estrangeiros e parceiros do MST. Ela defende o uso do sistema, dizendo que não se pode poluir a água que se vai beber, nem

---

<sup>69</sup>

Op. cit em nota 67.

<sup>70</sup>

Op. cit. em nota 62.

<sup>71</sup>

Entrevista realizada em agosto de 2008, em São Paulo.

contaminar o solo que lhes garante o sustento e fica desapontada porque foram poucos os acampados que aderiram à técnica<sup>72</sup>.



Banheiro seco 1, no barracão de assentada, em 2004.



Banheiro seco 2, na casa de assentada, em 2009.

---

<sup>72</sup>

Entrevistas realizadas em 2004 e janeiro de 2009.

No que tange à recuperação da área, no entanto, foi visível a transformação da paisagem: árvores crescem no sistema agroflorestal, se expande a horta mandala e até as nascentes de riachos, que estavam secas, se recuperam, como resultado do reflorestamento.

Quanto às moradias, os barracões de lona foram substituídos por casas de pau a pique e alvenaria. Os moradores dizem que há mais conforto, embora se possa observar que as construções ainda são precárias ou inacabadas e tenha havido pouco emprego da bioconstrução<sup>73</sup>, técnica introduzida pela permacultura.

Essa é uma metodologia utilizada no planejamento e construção de casas a partir da otimização dos recursos naturais, utilização da matéria-prima local e difusão do conhecimento de edificações. No mundo, existem práticas de bioconstrução como casas de pau a pique, construídas com estrutura de madeira ou bambu, matérias-primas locais, preenchidas com uma mistura de barro, argila mais areia, depois o reboco. A maioria das técnicas da bioconstrução é de domínio popular, tendo a permacultura contribuído para aprimorá-las, orientando o planejamento prévio da moradia. A título de ilustração, para o planejamento da bioconstrução deve-se estudar onde a casa será construída, de modo a otimizar as fontes naturais de energia, como a claridade natural, o arejamento; buscar o emprego de matéria-prima local, de baixo custo e com pouco impacto ao ambiente. Assim, deve-se usar paredes de terra crua em vez de tijolos de concreto. Nas casas de pau a pique, é necessário fazer um bom acabamento para maior segurança e conforto das pessoas, evitando problemas de rachadura nas paredes e morada de insetos, que podem provocar doenças, como o mosquito barbeiro, que causa a doença de Chagas.

As casas construídas no acampamento, de pau a pique, respondem a poucos atributos da bioconstrução, pois não têm acabamento, nem um desenho esteticamente agradável. Isso faz com que os moradores não se sintam orgulhosos de suas moradias, já que elas são vistas como sinônimo de moradias pobres e insalubres.

---

<sup>73</sup>

Op. cit. nota 67.



No entanto, em países como o Japão, as técnicas de bioconstrução são muito difundidas, inclusive nos segmentos da sociedade com alto poder aquisitivo, em que as casas de terra crua com estrutura de bambus são sofisticadas e desenhadas por arquitetos<sup>74</sup>. De acordo com o técnico em bioconstrução, o monge Enjo Zengetsu<sup>75</sup>, as casas de pau a pique são bem consideradas no Japão porque proporcionam melhor conforto térmico e são mais resistentes aos terremotos, frequentes na região.

No que tange à produção de alimentos, das três famílias entrevistadas em janeiro de 2009, todas estão produzindo com base agroecológica. São hortaliças de diversas espécies de alface, agrião, alho, couve, couve de bruxelas, escarola, maxixe, acelga, tomate, cebolinha, salsinha, rúcula, pimentão, manjeriço, taioba... leguminosas; feijão de corda, feijão guandu, ervilha, raízes: batata-doce, cenoura, chuchu, mandioca, frutos; abóbora, banana, melão, mamão, marmelo, carambola, uvas, maracujá, limão, pinhão-roxo, mamona, além de grãos como o milho,... e muitas espécies de ervas e flores.

---

<sup>74</sup> ENJO, Monge Zengestsu. “Técnica Tradicional Japonesa de Bioconstrução, aplicada ao aprimoramento do Pau a pique”. Pedra Bela, SP, 2005 (apostila).

<sup>75</sup> Enjo Zengestsu, é brasileiro, engenheiro-civil e monge do *Budismo Zen*. Ele mora no Japão mas vem frequentemente ao Brasil, numa dessas visitas participei da oficina ministrada por ele, “A Casa Natural – Técnicas de Bioconstrução”, realizado em Nazaré Paulista- SP, em abril de 2005.



A produção dessas famílias se dá de modo coletivo, na horta *mandala*, e em lotes familiares, por meio do cultivo de consórcio de plantas, ou seja, combinando o plantio das hortaliças e do pomar com diversas culturas, além de flores e temperos em volta das hortas, que ajudam a resolver o problema de pragas e parasitas. Pois, de acordo com a premissa da permacultura, a diversidade proporciona equilíbrio<sup>76</sup>, que explica que um ambiente diverso, em policultura, seja mais resistente à instabilidade da natureza.



---

76

MOLLISON, Bill e SLAY, Reny. *Introdução à Permacultura*. s.l.: Novotempo, 2003.

Os acampados também contam com o apoio de técnicos parceiros do MST e cursos promovidos pela secretaria regional do Movimento com a Comuna da Terra. Mas relatam que aprendem mesmo é na prática, trocando experiências, testando técnicas para acabar com pragas, diminuir a acidez do solo, melhorar o sabor dos alimentos etc.

Sobre técnicas para controlar pragas e insetos, uma das famílias conta, satisfeita, que aprendeu a plantar uma espécie de mostarda junto à horta, assim a mostarda atrai o inseto, que come de sua folha e portanto não ataca as plantas comestíveis da horta, além de espantar as formigas. Com isso, dizem os acampados, não precisamos mais usar venenos na plantação.

Dessas famílias entrevistadas<sup>77</sup>, todas possuem criação de animais, são: galinhas, alguns porcos e vacas, os quais foram adquiridos com os recursos da venda dos alimentos da horta, no lote de cada acampado. A criação ainda é pequena e por isso priorizam a reprodução dos animais e produção de ovos e leite.

Na última visita ao acampamento, que realizei em janeiro de 2009, pude notar os avanços da produção e a melhoria de vida dos acampados, pois muitos já conseguem se sustentar com a sua própria produção, alimentando a família, trocando entre vizinhos e até comercializando na vizinhança. Vender produtos era um desejo que parecia inviável no início da experiência, quando estive lá em 2004.

Contudo, somente metade das famílias está plantando, lamenta uma militante. Essa senhora considera como um fator de acomodação o fato de que continuam recebendo cestas básicas, doadas por entidades parceiras do MST. Ela reconhece que a doação de alimentos foi importante no início da ocupação, mas agora necessitariam é de assessoria técnica e linhas de crédito para desenvolver a agricultura familiar.

De qualquer modo, essa militante se diz satisfeita com sua produção orgânica, pois comercializa seus produtos e possui clientela fixa. Por isso, sua situação teria melhorado muito. Recorda que, de início, tinha que carregar balde de água na cabeça, não havia energia elétrica e a terra era árida para o plantio. Ela diz que trabalha muito plantando em dois lotes, mas orgulha-se de ter condições de sobreviver da terra. Com seus ganhos na produção, conseguiu comprar seu gado, algumas vacas, porcos e galinhas; construiu

---

<sup>77</sup>

Entrevistas com famílias do “Irmã Alberta”, registradas em janeiro de 2008.

sua casa de pau a pique, tem um banheiro seco e o poço artesiano em seu lote, que tem bombeamento de água para a casa, e a comunidade conseguiu a ligação da rede elétrica de energia.

Essa militante participou das oficinas de permacultura, ministrada por Peter Webb, desde o início em 2004 e foi considerada por ele uma ótima aluna, interessada e curiosa, pois experimentava tudo o que aprendia. É uma senhora de sessenta anos, pouco alfabetizada, sem ensino fundamental completo. No entanto, tem muito experiência sobre a agricultura. Ela me disse que foi muito importante a ajuda técnica, porém o seu conhecimento sobre a terra, ela aprendeu mesmo trabalhando diariamente. Pude constatar em seu lote e sua casa os bons resultados do seu trabalho. Ela me disse que gosta de trocar experiências e me explicou como construiu seu banco de sementes.



Numa parede da casa montou uma estante com prateleiras de madeira para armazenar as centenas de sementes colhidas na área do “Irmã Alberta”. Essas sementes são bem guardadas em garrafas de refrigerante limpas e secas, e com isso ela se encontra

abastecida para plantações futuras. O que sobra ela doa para a comunidade e até comercializa na região.

Quanto ao perfil sociocultural dos militantes, das três famílias entrevistadas, duas tinham experiência no trabalho rural, embora morassem na área urbana há bastante tempo. Elas faziam parte do contingente de migrantes nordestinos que moram em bairros de periferia de São Paulo, pois uma delas morava em Perus, enquanto a outra residia na Brasilândia. O terceiro casal de entrevistados morava na região noroeste do estado de São Paulo. Eram trabalhadores rurais que vieram a São Paulo, como tantos outros, em busca de oportunidades melhores. A família que morava no bairro da Brasilândia me contou que participava há anos de movimentos sociais de luta por moradia. A chefe da família, uma senhora de quarenta e poucos anos, disse que a experiência foi muito importante para seu ingresso no Movimento. Ela disse que o apoio da Igreja Católica foi fundamental para a militância desde os movimentos de moradia, até hoje no MST.

Nessa visita, percebi que alguns militantes têm mais vocação para a política, como era o caso dessa família de movimento de moradia, e outros têm mais habilidade para a agricultura e menos disposição para a política, como o casal de trabalhadores rurais e a senhora de sessenta anos. De qualquer modo, mesmo a família com menos habilidade para agricultura estava plantando. Dizia contar com apoio de outros familiares e pessoas da comunidade. A entrevistada me mostrou com orgulho a plantação de duzentos e cinquenta pés de uva, além de hortaliças, abóboras, feijões, mandioca, batata-doce, flores, ervas... tudo no lote da família.



Mais fotos ver em Anexo.

Entre os integrantes dessa família, a filha mais velha é responsável pelo núcleo de Comunicação do Acampamento e por isso acompanhou minha visita. Ela me contou satisfeita que, em período recente, a comunidade havia conseguido a aprovação de um convênio na área de produção e comercialização com a CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento, empresa pública vinculada ao *Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*, que mantém entre suas áreas de atuação um Programa de Apoio à Agricultura Familiar. Esse Programa de fomento à Agricultura Familiar prevê a compra da produção coletiva das áreas das Comunas da Terra, na Grande São Paulo, pela CONAB que fará o repasse dos alimentos para entidades assistenciais, sem fins lucrativos, tais como instituições públicas que abrigam crianças e adolescentes<sup>78</sup>.

Segundo a entrevistada, para a discussão de projetos como este da área de produção, as famílias se reúnem toda semana em reuniões dos núcleos e nos encontros com a Coordenação Regional, periodicamente. Apesar da prática de gestão coletiva, observei divergências da comunidade sobre a adesão do grupo nesse Programa de Apoio à Agricultura Familiar, promovido pela CONAB. Com relação a esse assunto, uma acampada me disse ter receio que os agricultores da Comuna não consigam produzir o suficiente para a entrega ao Programa e por isto acha que poderiam ser penalizados. Afirma que a organização da comunidade melhorou muito desde o início, mas acha que

---

<sup>78</sup>

Op. Cit nota 72.

é preciso caminhar mais, pois considera que ainda não é o momento de comercializar coletivamente<sup>79</sup>. Por outro lado, se contradiz na entrevista dizendo que teme perder sua freguesia, que já lhe possibilita autossuficiência, pois teria que destinar uma cota da sua produção para o coletivo.

Para incentivar a produção em agroecologia nas comunidades, a Comuna da Terra promove cursos de capacitação para militantes e parcerias com assistência técnica. No início de 2009, estavam concluindo um curso de agroecologia em parceria com o *Centro de Educação, Estudos e Pesquisas*<sup>80</sup> - CEEP, dirigido a todas as comunidades da Comuna da Terra: “Irmã Alberta”, no bairro de Perus, capital-SP; “Dom Tomás Balduino”, no município de Franco da Rocha; “Dom Helder Câmara”, no município de Jandira e “Dom Pedro Casaldáliga”, no município de Cajamar.

As aulas foram realizadas no espaço de produção coletiva do MST, no município de Jarinú. Para tanto, contaram com a ajuda de transporte, da instância regional do MST, e os materiais de educação foram fornecidos pelo CEEP, que buscou recursos com parceiros e doações de simpatizantes. A proposta desse curso dirigido para as Comunas foi uma solicitação da secretaria regional do MST, que conhecia o CEEP pelo trabalho de educação desenvolvido com os trabalhadores vinculados aos movimentos sindicais.

A metodologia do curso de agroecologia, desenvolvida pelo CEEP, foi construída conjuntamente com os participantes, cujos organizadores tiveram como função levantar os temas e capacitar militantes em agroecologia, de modo a poder ensinar aos outros. O primeiro curso teve a duração de um ano e se iniciou com oitenta participantes, e foi concluído em fevereiro de 2009, com cinquenta alunos. Além de capacitar os agricultores, o objetivo dos organizadores é contribuir com o beneficiamento dos alimentos e organizar a comercialização, como me contou um representante<sup>81</sup> do CEEP. Embora o curso esteja fortalecendo a produção agroecológica, a agroecologia ainda não parece ser uma unanimidade nas comunidades, pois há pessoas que não acreditam que

---

<sup>79</sup> Op. Cit nota 72.

<sup>80</sup> O CEEP é uma entidade que desenvolve projetos de educação profissional para trabalhadores. Trata-se de uma iniciativa de operários metalúrgicos, de movimentos sindicais e Pastorais Sociais, que teve início em 1980.

<sup>81</sup> Entrevista realizada com representante do CEEP, entidade parceira ao MST, que organiza cursos de agroecologia, em janeiro de 2009. A entrevista foi indicada por uma liderança da Comuna “Dom Tomás Balduino”.

essas técnicas da agricultura sejam melhores do que a convencional. O principal argumento utilizado no curso em favor da agroecologia foi fazer a experiência, demonstrando que as técnicas da agricultura alternativa traziam, principalmente, uma vantagem econômica. O que dava certo eram os exemplos práticos, como demonstrar para o agricultor que era possível acabar com pragas nas hortaliças por meio do manejo de culturas, pois ao se plantar o coentro junto com a alface, eliminam-se pragas, já que pragas que gostam de alface não gostam do coentro. Assim, ensinava-se a plantar o alecrim, a arruda e o pé de fumo que espantam pragas das hortaliças.

Uma das grandes dificuldades dos organizadores diz respeito à queimada, pois essa é uma prática cultural muito antiga. Os agricultores argumentam que o fogo enriquece a terra, mas os técnicos explicam que isso apenas ocorre durante os primeiros seis meses, depois o solo se esgota. Ensina-se, então, que é possível enriquecer a terra usando matéria orgânica.

As aulas de agroecologia no assentamento incluíam lições de história e política, que fazem parte da pauta de formação educacional dos trabalhadores rurais sem-terra. Assim, ensinam que o trator foi importado da Europa, após a Segunda Guerra Mundial, com a expansão da industrialização, que se inspirou nos tanques de guerra. Em seguida, tentam explicar aos participantes que não se deveria utilizar tratores, porque causam erosão e retiram nutrientes do solo. Por fim, questionam o uso de agrotóxicos, pois os venenos usados contra as pragas também nos envenenam, como é o caso do DDT, introduzido na agricultura após a Segunda Guerra Mundial.

A introdução dos conceitos da agroecologia enfrenta grandes dificuldades, pois trata-se de uma mudança de cultura cujo modelo ainda se baseia no grande agronegócio. Mas já são visíveis os resultados do curso na fala de alguns assentados, que se orgulham de produzirem respeitando a natureza. Esses acreditam que é preciso trabalhar a consciência política dos militantes, com aulas de história e política, porém reforçam que aquilo que dá resultado são os exemplos práticos.

Para incentivar os agricultores, o CEEP organizou com a Prefeitura de Osasco o *Feira Móvel e Solidária*, um projeto de quitanda ambulante, em que os assentados das Comunas da Terra e os agricultores urbanos de Osasco vendem hortaliças e frutas em

áreas de favelas. Em comemoração ao final do curso de agroecologia, os alunos construíram uma Casa de Farinha de mandioca, em que se fará o beneficiamento do alimento para consumo da comunidade e comercialização.

Apesar de todos os desafios para o desenvolvimento da agroecologia nessas comunidades, há vantagens no fato delas se situarem próximas à cidade de São Paulo, facilitando a comercialização dos produtos sem depender de intermediários e representando um instrumento ideológico importante para o Movimento, dado que levantei nas entrevistas. Citaram o exemplo da produção de uvas cultivada na área de Jarinú, em que o CEEP mobilizou simpatizantes do MST e conseguiu vender trinta toneladas de uvas, ou seja, cinco mil caixas de uva. Isso só foi possível porque um caminhão do MST trazia as caixas de fruta para a entidade, localizada no centro de São Paulo, facilitando a distribuição das uvas. Mas caso os assentamentos estivessem distantes de São Paulo seria inviável, pois a logística de transporte é cara, teriam que investir em caminhão com refrigeração, pois frutas e hortaliças são muito perecíveis, além de ter custos com combustível e pedágio. Do ponto de vista ideológico, falaram da importância do MST em conquistar o apoio da população urbana, uma vez que muitas pessoas que compraram os alimentos dos assentados ficaram admiradas ao saber que eles estavam produzindo e se interessaram em conhecer os assentamentos. Por esse motivo, as lideranças da Comuna organizaram visitas aos assentamentos com objetivo de desmistificar a imagem negativa do Movimento apresentada pela mídia. Alguns visitantes mostraram-se surpresos ao ver as plantações e se indagavam por que a televisão e a mídia em geral não mostravam esses fatos para a população<sup>82</sup>. As lideranças do movimento acreditam que seja importante mostrar o fruto do trabalho da luta dos trabalhadores rurais, pois a imprensa criminaliza os atos do MST, fugindo da discussão sobre a reforma agrária.

---

<sup>82</sup> A respeito disso aconteceu um fato inesperado e curioso na minha família. Nas últimas visitas que fiz às Comunidades “Irmã Alberta” e “Dom Tomás Balduino”, meus pais tiveram que me acompanhar, devido a problemas do automóvel da família. Eles são pessoas simples e pouco politizadas, representam o segmento da classe média urbana de baixa renda, conheceram pela primeira vez um assentamento de reforma agrária e ficaram muito admirados com o MST. Minha mãe comprou hortaliças de uma agricultora e ficou satisfeita por se tratarem de alimentos orgânicos. Meu pai, que gosta muito da vida rural, ficou entusiasmado com o trabalho desenvolvido por algumas famílias e me disse espontaneamente: se eu fosse jovem, hoje entraria para o MST. Confesso que fiquei muito surpresa com a reação deles, pude compreender que a maioria da população conhece muito pouco o Movimento e o tema da reforma agrária, embora as notícias sobre o MST apareçam quase diariamente nos telejornais e demais veículos de comunicação de massa.

### 1.3 Descrição da experiência “Dom Tomás Balduino”

Com o andamento da pesquisa de campo, ouvi falar do Assentamento “Dom Tomás Balduino” por uma amiga que é arquiteta pesquisadora de permacultura com ênfase em bioconstrução, que levou seus alunos para conhecer a comunidade. Fui lá, pela primeira vez, em março de 2008, quando fiz algumas entrevistas com lideranças e representantes dos setores de produção. Posteriormente, quase concluindo a pesquisa de campo, descobri que esse assentamento fora a primeira Comuna da Terra, do MST, em São Paulo.

O Assentamento “Dom Tomás Balduino” está localizado em Franco da Rocha, cujo acesso se dá pelo km 44, 5, da estrada vicinal de Campo Limpo Paulista. Por ser uma região serrana, da Serra dos Cristais, o relevo é cheio de depressões. A área é atravessada por uma sinuosa estrada de terra, que em dias de chuva inviabiliza a circulação de automóvel.

A ocupação da Fazenda São Roque iniciou-se em novembro de 2001 e contou com a participação de cerca de quatrocentas e cinquenta pessoas. Essas centenas de pessoas representavam as frentes de massa do MST, que são formadas quando há ocupação de áreas. Com a formação da comunidade, ficaram assentadas 62 famílias. De acordo com registros do INCRA, a Fazenda São Roque pertencia ao Estado, sob o domínio do Hospital Psiquiátrico de Franco da Rocha. Segundo militantes, a área ocupada estava subutilizada. Atualmente, existe o “Núcleo Pioneiro Sócio-Terápico”, mas instalado numa área menor da Fazenda São Roque, que está sob a coordenação da Secretaria Estadual de Promoção Social. Outro vizinho da comunidade, que faz divisa com suas terras, é a Penitenciária Estadual de Franco da Rocha. A comunidade “Dom Tomás Balduino” é um assentamento, reconhecido pelo INCRA, sob jurisdição da Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo – ITESP, desde 2003, cuja área é de 619 hectares<sup>83</sup>. O nome “Dom Tomás Balduino” é uma homenagem a um sacerdote da Igreja Católica que encontra-se vivo, por apoiar a formação dessa comunidade.

---

<sup>83</sup> Informações coletadas no INCRA, site do ITESP – Fundação Instituto de Terras do Estado de S.Paulo e entrevistas na ‘Comuna Dom Tomás Balduino’ em março de 2008

No início do acampamento, as famílias levantaram seus barracões de lona próximos à estrada de terra, para facilitar a fuga em caso de presença militar. Nesse mesmo local foram construídas suas casas de alvenaria, que hoje possuem energia elétrica e rede de abastecimento de água<sup>84</sup>. A construção das moradias foi planejada com projeto arquitetônico elaborado pelo núcleo de extensão da *Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Paulo*, FAU-USP e a ONG Usina<sup>85</sup>, tendo o financiamento da Caixa Econômica Federal. O projeto das casas foi discutido em reuniões com militantes. Embora tenham sido a primeira Comuna da Terra no estado de São Paulo a introduzir a discussão da agroecologia, não se trata propriamente de um modelo de bioconstrução, pois as casas são todas de alvenaria, de concreto, construídas com tijolos e cimento. Entretanto, estão bem construídas, com projeto de arquitetura e preocupação estética; são espaçosas e a divisão dos cômodos respeitou o desejo das famílias. Para a execução das obras foram realizados mutirões<sup>86</sup>. No caso, houve financiamento das moradias pela Caixa Econômica Federal em virtude de já serem reconhecidos como um assentamento de reforma agrária, diferentemente da situação do “Irmã Alberta”, que ainda estava em processo.



A organização comunitária do “Dom Tomás Balduino” segue a orientação da instância nacional do MST, adaptada à sua população. Nesse caso, os setores estão divididos em

---

<sup>84</sup> Informações de entrevistas realizadas em março de 2008, junho e agosto de 2008.

<sup>85</sup> Usina - entidade sem fins lucrativos que atua na área de direitos, urbanização e organização popular.

<sup>86</sup> Op. cit nota 84.

produção, educação, formação e saúde<sup>87</sup>. No que se refere à saúde, o grupo se articulou e procurou a Prefeitura de Franco da Rocha para atendimento da população, conseguindo que a Secretaria de Saúde Municipal liberasse profissionais para atender semanalmente o assentamento. A partir disso, viram a necessidade de criarem uma farmácia, com remédios caseiros, de plantas medicinais, que contou com apoio de pesquisadores voluntários. Para a educação também se mobilizaram e, assim, conseguiram um ônibus da Prefeitura para buscar as crianças na área rural, uma vez que a escola mais próxima está dez quilômetros distante<sup>88</sup>.

Quanto à agricultura, no início os assentados tiveram muita dificuldade para cultivar a terra. As famílias sofriam prejuízo, não conseguindo manter o plantio de subsistência. Isso fez com que o setor de produção buscasse melhorias para a agricultura, levando o assunto para discussão na direção do MST. A partir dessas discussões, surgiu a proposta de adotar técnicas de agroecologia. O tema foi levado ao coletivo com uma adesão inicial de poucas pessoas, cerca de doze famílias, das sessenta e seis, em 2004. Com o apoio da Caritas<sup>89</sup>, desenvolveram projetos agroecologia.

Hoje, a comunidade possui horta mandala, produção de hortaliças, feijão, milho, mandioca, batata-doce, uvas, figos e mel, entre outros. Aos poucos os agricultores foram ampliando o projeto e assim construíram o *Viveiro Pedagógico Chico Mendes*, que possui estufa, equipamentos básicos para armazenamento de sementes e produção de mudas. Há mudas de árvores frutíferas, ervas medicinais, flores ornamentais e plantas nativas, as quais são utilizadas para reflorestamento, produção familiar e comercialização. Outra função do viveiro é educacional, na formação dos assentados e acampados em educação ambiental e na agroecologia<sup>90</sup>.

As lideranças têm intenção de formar uma biblioteca e escola de agroecologia nesse viveiro, mas é patente a falta de recursos, pois possuem apenas algumas dezenas de livros doados e um espaço impróprio para aulas e leitura.

---

<sup>87</sup> AMORIM SILVA, João Batista. “A Experiência da Produção Ecológica no Assentamento Dom Tomás Balduino”. Veranópolis, 2006.

<sup>88</sup> Op. cit nota 84.

<sup>89</sup> A Cáritas Brasileira faz parte da Rede Caritas Internationalis, vinculada à Igreja Católica, de atuação social em mais de 200 países, em defesa dos direitos humanos e do desenvolvimento sustentável solidário na perspectiva de políticas públicas.

<sup>90</sup> Entrevista realizada em junho de 2008, no Assentamento Dom Tomás Balduino.



Mais fotos em anexo.

Os cursos de agroecologia são promovidos pela instância regional do MST, em parceria com entidades afins, como no caso da experiência do “Irmã Alberta”. Além das parcerias, o MST conta com suas escolas de formação de militantes, tais como o Instituto de Educação Josué de Castro – IEJC, em Veranópolis, no RS. Em minha primeira visita à comunidade, fui recebida por uma liderança do setor de produção, que fez esse curso no Rio Grande do Sul e me apresentou sua monografia “A Experiência da Produção Ecológica no Assentamento Dom Tomás Balduino”. Com entusiasmo, ele me explicou o tema do seu trabalho, deu exemplos, ressaltando a importância da produção ecológica no assentamento.

Essa liderança se tornou um agricultor a partir da formação da comunidade em 2001, pois também é oriundo de área urbana, morava em bairro da periferia de São Paulo e, como outros que entrevistei, não completou o ensino fundamental. Mesmo assim, percebi seu esforço em estudar e produzir sua monografia.

No seu trabalho, ele escreveu que a opção pela agroecologia partiu da necessidade dos agricultores em melhorar a terra árida para o plantio, uma vez que não conseguiam retirar o suficiente para a subsistência. Um grupo de agricultores levou o tema para debate no núcleo de produção e assim foram encontrando nas vertentes da agricultura alternativa uma possibilidade atrativa de produção, com técnicas simples e com custo

zero para os assentados. Ele conta que uma das medidas tomadas de início foi aplicar o composto orgânico para adubar a terra. Os assentados aproveitavam as toneladas de restos vegetais que recebiam diariamente do *Cia. de Entrepósitos e Armazéns Gerais de S. Paulo - CEAGESP*, dos quais retiravam uma parte para alimentar a criação de suínos e frangos e o restante era amontoado em camadas com serragem e capim seco para a compostagem. Para o controle de pragas, não era preciso usar venenos, pois eles descobriram inseticidas mais naturais à base de fumo, alho, sabão cinza e álcool e recuperavam o solo com mucuna, leguminosas como vagens, crotolaria, plantas arbustivas que produzem fibras e celulose, bem como feijão de porco.

No exame das entrevistas realizadas na comunidade, muitos falaram sobre os avanços da produção agroecológica, mas todos reconheceram que muitas famílias ainda não adotaram a prática agroecológica. Disseram que a adesão vem melhorando, no entanto, ainda não ultrapassa cinquenta por cento do assentamento. Notei que há também um percentual expressivo de assentados que não pratica agricultura nenhuma, mas quando questionados sobre esse fato, lideranças me responderam que isso acontece por falta de investimentos na produção e, portanto, estavam buscando linhas de crédito e financiamento público para a agricultura familiar. Há famílias produzindo e comercializando mel e uvas, mas assim como o Acampamento “Irmã Alberta”, a maioria das famílias depende da doação de cestas básicas doadas pela Pastoral Comunitária<sup>91</sup> para complementar a alimentação. Sobre o fato de não priorizarem o desenvolvimento da agricultura, algumas lideranças disseram que o grupo preferiu primeiro construir suas moradias.

De todo modo, ao que me pareceu, muitas atividades da comunidade foram conduzidas por lideranças, que possuem nível de escolaridade mais elevado, alguns com nível universitário, os quais estariam mais envolvidos nas atividades políticas do Movimento, do que com a agricultura de subsistência.

Alguns agricultores também me disseram que a discussão sobre a preservação do meio ambiente e a educação ambiental contribui para difusão da agroecologia. Entretanto, admitem que há muitos desafios a serem superados para alcançar a sustentabilidade. Reclamam da falta de assessoria técnica, com agrônomos que tenham experiência nas

---

<sup>91</sup> Entidade filantrópica ligada à Igreja Católica.

vertentes da agricultura alternativa, pois muitas vezes os técnicos que aparecem da *Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de S.Paulo - EMATER* retomam as práticas convencionais de agricultura, que são cabíveis somente ao agroenegócio<sup>92</sup>.

No que tange à organização do trabalho, dividem as tarefas de acordo com as habilidades e desenvolvem atividades em mutirões. No caso da construção de moradias, percebi que funcionou muito bem, o trabalho da obra concentrava-se de segunda a quinta-feira, pois no fim da semana ocorriam muitas atividades políticas em âmbito nacional. Para implementar a produção agroecológica, a Comuna da Terra criou uma Associação de Cooperação Agrícola - COACOM, que se estende a todos os assentamentos da Comuna, na Grande São Paulo. O objetivo da associação é prestar assistência técnica aos agricultores e estimular a cooperação agrícola. Muitos assentados, depois de conquistarem a terra, resolvem ficar isolados nos seus lotes, contrariando os objetivos do MST e da Comuna da Terra, que buscam a autonomia das comunidades, reclama uma liderança<sup>93</sup>.

A atuação do MST nos centros urbanos, que originou a proposta das Comunas, foi abordada no trabalho de João Batista Amorim Silva<sup>94</sup>. Ele considera falsa a visão dos órgãos oficiais responsáveis pela reforma agrária que afirmam que o trabalhador urbano não poderá ser assentado no meio rural, porque não será capaz de praticar agricultura. Os trabalhadores que moram nesse assentamento demonstram que é possível o cidadão urbano se adaptar e trabalhar no campo, como já aconteceu no passado, na geração de nossos avós.

Como comentou Francisco de Oliveira a respeito desta nova estratégia, o MST teria percebido a necessidade de angariar simpatizantes nas cidades, onde se concentra a maioria da população, que poderia apoiá-los<sup>95</sup>.

Embora as duas comunidades se enquadrem na estratégia de Comunas da Terra, o Acampamento “Irmã Alberta” evidentemente se encontra em estágio mais avançado em

---

<sup>92</sup> Op Cit nota 84.

<sup>93</sup> Idem.

<sup>94</sup> Op. Cit nota 87.

<sup>95</sup> Trecho de entrevista com Francisco de Oliveira, na Revista *Caros Amigos*, de janeiro de 2009.

relação à produção agroecológica. Como o grupo ainda não fora reconhecido como assentamento e contara com menos recursos, trataram de buscar alternativas baratas para a agricultura, como a assessoria voluntária de Peter Webb. A Comuna “Dom Tomás Balduino”, por outro lado, teve a regularização fundiária antecipada, podendo contar, portanto, com financiamento público da *Caixa Econômica Federal* e assessoria técnica do Estado, como a Emater. Isso, no entanto, não se refletiu em bons resultados para a agricultura sustentável, pois houve influência da assistência técnica que aplicou técnicas da agricultura convencional. Contudo, deve ter havido outras razões que motivaram as lideranças a priorizar a construção das moradias em vez de desenvolver a agricultura de subsistência. Talvez por inexperiência do grupo na agroecologia, afinal esse foi o primeiro assentamento constituído pela Comuna da Terra. Se os objetivos dos assentados estivesse claro quanto ao desenvolvimento da produção agroecológica, eles poderiam ter buscado outras formas de apoio técnico que não a convencional.

## **Capítulo 2:** Experiências de uma Ecovila

2.1 - O nascimento das Ecovilas

2.2 - Ecovilas no Brasil

2.3 - Ecovila Visão Futuro

*“Os novos paradigmas são caminhos alternativos diferentes daqueles que estão em vigência na nossa sociedade moderna. Assim como foram sempre importantes os novos paradigmas ao longo da história da humanidade para transformar as situações antigas, eles são necessários agora para transformar os velhos paradigmas, que têm gerado, neste período em que a humanidade atravessa, mais conflitos do que propriamente soluções”.*<sup>96</sup>

## **2.1 - Surgimento das Ecovilas**

O movimento das *Ecovilas* surgiu na década de 1960, influenciado pelo ambientalismo e o movimento contracultura, formado por hippies. A formação de comunidades, sejam ecovilas, aldeias ou vilas, principalmente na área rural, é um tipo de organização antiga nas sociedades, as quais vão se modificando a partir do contexto socioeconômico e se adaptando à realidade local de cada país<sup>97</sup>.

Assim foi ocorrendo com o movimento de ecovilas, que teve como marco inicial a formação de *Findhorn*, no norte da Escócia, em 1962, quando um casal com três filhos e uma amiga partiram num trailer para os arredores da Baía de Findhorn, no Mar do Norte. Essa família hippie começou a criar experimentos de agricultura baseados nas vertentes da agricultura alternativa e técnicas construtivas para superar as adversidades do clima frio e o solo arenoso típico de litoral. Com o tempo, foi desenvolvendo técnicas como os *hot beds*, camas quentes, adubo feito de esterco de gado, cavalos, cinzas de madeira, que misturados ao capim e folhas secas formavam um composto orgânico adequado para o clima frio, colaborando para recuperar o solo no topo da restinga<sup>98</sup>. A *Ecovila de Findhorn* cresceu muito e, em 1985, foi criada a *Findhorn*

---

<sup>96</sup> BRAUN, Ricardo. Desenvolvimento ao Ponto Sustentável – novos paradigmas ambientais. Editora Vozes, Petrópolis, 2001

<sup>97</sup> Idem.

<sup>98</sup> SPOWERS, Rory. *Rising Tides: the history and future of the environmental movement*. Edinburgh, England: Canongate: 2002.

*Foundation Community Association*<sup>99</sup>, que congrega mais de trezentos e vinte pessoas e trinta organizações participantes em todo o mundo.

Atualmente, a *Fundação de Findhorn* se mantém como um centro de experiências ecológicas e vivências espirituais, diferentemente do passado hippie, em que uma família pequena teve de encontrar meios de subsistência. O contexto social do surgimento do projeto era outro, sendo influenciado pelos movimentos contestatórios e libertários da juventude, principalmente nos EUA e Europa. A contracultura começou nos anos de 1950, com o movimento *beatnik*, com poetas e mochileiros propondo uma mudança de estilo de vida. Esse movimento difundiu-se em outros movimentos emancipatórios das décadas de 1960 e 70, que criticavam de forma irreverente o estilo de vida consumista das sociedades. Esses jovens de origem burguesa questionavam e propunham abalar hábitos, ideias, formas de arte, organização política, instituições religiosas, estrutura social, sexualidade e tecnologia da sociedade vigente. Essas mobilizações sociais foram importantes para fortalecer outras ações coletivas que buscavam transformações radicais na sociedade, como o pacifismo, o feminismo, o movimento negro, a nova esquerda, a revolução corporal-sexual, o anarquismo e o ambientalismo<sup>100</sup>.

Com esse espírito inquieto a favor de mudanças, surgiram outras ecovilas, baseadas em princípios autogestionários, de estilo de vida simples e de interação com a natureza em diversos países do mundo, como Austrália, EUA, Dinamarca, Índia, Alemanha, Holanda, Itália, África do Sul, Argentina, Finlândia, Polônia, Portugal, Suécia, Suíça, Israel, Dinamarca, Turquia, Hungria, Bélgica, Romênia, Irlanda, Grécia, Rússia e Brasil<sup>101</sup>.

No início da década de 1990, o movimento de ecovilas ganha força com a divulgação do relatório *Ecovilas e Comunidades Sustentáveis – Modelo para o Século XXI*, da organização dinamarquesa *Gaia Trust*. Em 1995, foi criada a Rede Global de Ecovilas – GEN (Global Eco-village Network), num evento realizado na *Ecovila de Findhorn*. O

---

<sup>99</sup> Findhorn Foundation Community Association, <http://www.findhorn.org>

<sup>100</sup> HUBER, Joseph. *Quem deve mudar todas as coisas: alternativas do Movimento Alternativo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

<sup>101</sup> Informações do site da Global Eco-village Network, [www.gen.ecovillage.org](http://www.gen.ecovillage.org) (acessado em fevereiro de 2009).

modelo de *Findhorn* serviu de inspiração para muitas comunidades ecológicas no mundo. Entretanto, o contexto social da década de 1990 era outro, os ideais hippies foram aos poucos sendo abandonados. A criação da Rede Global de Ecovilas está diretamente associada ao advento da internet, que impulsionou a comunicação e troca de experiências entre as diversas comunidades<sup>102</sup>.

Todas essas transformações sociais poderiam explicar a mudança no estilo de vida de ecovilas, pois muitas dessas comunidades hoje se assemelham a condomínios ecológicos, isto é, a áreas privativas para moradias com preocupações ambientais. Esses condomínios ecológicos acabariam, portanto, funcionando mais como um refúgio de fim de semana e lazer e menos como uma comunidade alternativa, com uma proposta coletiva.

Um exame atento do estilo de vida de várias ecovilas permite afirmar que dificilmente os princípios norteadores para a busca da sustentabilidade, estabelecidos pela Rede Global de Ecovilas, são aplicados integralmente.

No que se refere à ecologia, aqueles princípios estabelecem que as ecovilas devem preservar o meio ambiente, por meio de reflorestamento, recuperação de áreas degradadas, uso de tecnologias de baixo impacto e equilíbrio entre o fluxo de pessoas e o ambiente.

Na agricultura, as ecovilas procuram utilizar técnicas e métodos de cultivo baseados na agricultura biodinâmica e na permacultura, enquanto na culinária, apenas utilizam alimentos orgânicos, além de serem vegetarianos.

No que se refere às tecnologias alternativas, os membros de ecovilas têm como diretrizes aproveitar as fontes de energia naturais tais como cata-ventos, aquecedores e placas solares, bem como utilizam filtros biológicos de água e buscam técnicas de baixo impacto.

Nos princípios referentes à economia solidária, a Rede Global de Ecovilas propõe a utilização do sistema local de trocas, em comunidades e feira de trocas solidárias, a fim

---

<sup>102</sup>

Op. cit nota 96.

de impulsionar o mercado de trocas e diminuir as especulações de mercados voláteis. Há exemplo disso no Brasil, como as moedas sociais utilizadas nas feiras de trocas solidárias<sup>103</sup>, sua função é facilitar as trocas.

De acordo com a ética das ecovilas, a arquitetura deverá implantar técnicas de bioconstrução ou bioarquitetura, com planejamento e *design* de casas para otimizar recursos, buscar eficiência nos materiais, estimular o uso de matéria-prima local, reutilizar resíduos da construção civil e incluir no projeto das casas, áreas verdes, jardins, hortas e pomares.

As atividades comunitárias devem adotar os sistemas de trabalho por cooperação, exercitar a gestão participativa e atividades coletivas, tais como cozinha comunitária, cuidados com jardim, reciclagem do lixo, e promover a integração social em eventos comemorativos, culturais, cursos e vivências. Na espiritualidade, sugerem a prática do autoconhecimento para uma convivência social harmônica.

Tendo em vista a adoção de todos esses princípios, a ética das ecovilas enfatiza sobre a necessidade de se colocar em prática ações que culminem numa vida sustentável.

Em síntese, o projeto comunitário das ecovilas busca conciliar uma vivência coletiva solidária com o trabalho cooperativo, respeitando a natureza e estabelecendo uma gestão partilhada de tarefas e recursos. Sua ética se fundamenta na visão da Ecologia Profunda, que diz que todos os elementos e seres da biosfera têm o direito de viver e se desenvolver plenamente, pois fazem parte do todo, são igualmente importantes à vida e estão intrinsecamente relacionados<sup>104</sup>.

## 2.2 - Ecovilas no Brasil

A Rede Global de Ecovilas se divide por regiões, sendo que o Brasil está afiliado à ENA – *Ecovillage Network of the Américas* ou *Red de Ecoaldeas de las Américas*. Das

---

<sup>103</sup> A Feiras de Troca Solidária é uma prática da Economia Solidária, alternativa à economia convencional. Na cidade de São Paulo há muitos eventos desse tipo, como a feira realizada no bairro do Glicério, organizada pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Fundação Getúlio Vargas.

<sup>104</sup> Op. cit nota 96.

ecovilas associadas à Rede Global têm-se a Abra144, em Presidente Figueiredo, Amazonas; a Eco Village Piracanga, em Itacaré/ Marau, Bahia; a Ecovila Corcovado, em Ubatuba, São Paulo; a Fundação Terra Mirim, em Simões Filho, Bahia; o Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado (IPEC), em Pirenópolis, Goiás; a Santa Branca Ecovillage, em Terezópolis, Goiás; a Terra UMA, em Liberdade, Minas Gerais, e o Parque Visão Futuro, em Porangaba, São Paulo, objeto de estudo desta pesquisa.

Há muitas outras comunidades ecológicas espalhadas pelo Brasil que, no entanto, não se associaram à Rede Global. Essas entidades se difundiram após a *Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, a Eco-92*, realizada no Rio de Janeiro. A partir da experiência de Findhorn, as ecovilas foram consideradas pela ONU como modelos de excelência de vida sustentável. Assim, surgiu a “Comunidade de Campina - Chapada Diamantina”, do Instituto de Permacultura da Bahia e “Instituto de Permacultura e Ecovila dos Pampas”, em Bagé, no Rio Grande do Sul<sup>105</sup>.

Em 2003, foi fundada no Brasil a *Rede Brasileira de Ecovilas*. A iniciativa partiu do *Fórum Social Mundial* daquele ano, em que um grupo de pessoas se reuniu para divulgar e trocar experiências de comunidades no Brasil e no mundo. A Rede Brasileira é recente, encontra-se em processo de construção, e até fevereiro de 2009 havia poucas ecovilas filiadas, entre as quais, a Ecovila “Visão Futuro”<sup>106</sup>.

### **2.3 - Ecovila “Visão Futuro”**

Inicialmente, necessito dizer que enfrentei razoável dificuldade na pesquisa de campo sobre a Ecovila “Visão de Futuro”. Além da distância, foi muito difícil agendar entrevistas com os membros da comunidade, embora demonstrassem simpatia com o tema da minha pesquisa. Aceitei convites para participar de eventos promovidos pelo “Instituto Visão Futuro” na esperança de conhecê-los melhor e poder realizar as entrevistas pretendidas. Mesmo assim, apenas consegui realizar algumas poucas entrevistas e foi impossível entrevistar a sua fundadora e mentora, Susan Andrews.

---

<sup>105</sup> Ver bibliografia.

<sup>106</sup> Informações do site da Rede Brasileira de Ecovilas, [www.ecovilabrasil.org](http://www.ecovilabrasil.org) (acessado em fevereiro de 2009).

A ideia da Ecovila “Visão Futuro” partiu da sua fundadora, que residiu por 25 anos na Índia, tendo sido discípula do mestre hindu Prabhat Rainjan Sarkar<sup>107</sup>, filósofo e autor da *Teoria de Utilização Progressiva, PROUT*.

A *PROUT* concebe a sustentabilidade das sociedades como construída por comunidades rurais, as *Master Unions*, unidades mestras, ou seja, núcleos socioeconômicos autossuficientes. Essas unidades mestras deveriam ter por objetivo garantir a autossuficiência dos moradores em cinco eixos: alimentação, vestuário, habitação, saúde e educação.

Além da influência do pensamento do indiano Sarkar, as ideias de outros filósofos inspiraram Susan Andrews, como o futurista Erwin Lazlo<sup>108</sup> e o filósofo e psicólogo William James, considerado um dos fundadores do pragmatismo.

Situado no oeste do estado de S. Paulo, o *Parque Ecológico Visão Futuro* ou *Ecovila de Porangaba* se localiza no km 169 da Rodovia Castelo Branco. Sua fundação, em 1993, por iniciativa da norte-americana Susan Andrews<sup>109</sup>, inspirou-se na *ECO-92*, no Rio de Janeiro. Convidada a conhecer a região de Porangaba, Susan Andrews acabou por comprar uma chácara de nove hectares. A princípio, pensava em um projeto de educação ambiental para crianças, mas novas adesões e projetos levaram ao surgimento da comunidade. Atualmente possuem catorze moradores e quarenta funcionários, além de hóspedes e visitantes de fins de semana.

O projeto da ecovila contou com o financiamento inicial da *Swedish International Development Agency* – SIDA (Agência Internacional de Desenvolvimento), e da Fundação de Tecnologia Alternativa em Frankfurt. Esses recursos foram utilizados principalmente na implantação da infraestrutura ecológica do Visão Futuro<sup>110</sup>.

---

<sup>107</sup> Prabhat Rainjan Sarkar (1921-1990) foi um filósofo indiano, mestre hindu, que defendia a PROUT - Teoria de Utilização Progressiva, de princípios neo-humanistas, que considera fundamental o bem-estar/equilíbrio de todos os seres vivos. A partir do desenvolvimento do individual e do coletivo, como a educação, a organização social, a participação política e o desenvolvimento intelectual, cultural e espiritual. De acordo com o autor, a PROUT é uma alternativa ao paradigma socioeconômico do capitalismo e do comunismo.

<sup>108</sup> Autor dos livros “Conquista, do Consumo e da Colonização” e o surgimento do novo paradigma “Conexão, Compreensão e Cooperação”.

<sup>109</sup> Susan Andrews é antropóloga, doutora em psicologia, ambientalista e monja iogue.

<sup>110</sup> Informações da Ecovila no site [www.gen.ecovillage.org](http://www.gen.ecovillage.org) (acessado em fevereiro de 2009).

Com o desenvolvimento da comunidade, criou-se o *Instituto Visão Futuro*, uma organização sem fins lucrativos que administra as atividades do parque, realizando cursos, vivências, encontros, e desenvolvendo projetos sociais, ecológicos e agrícolas. A expansão do instituto permitiu a compra de novas terras e atualmente a ecovila conta com 85 hectares<sup>111</sup>.

Segundo seus dirigentes, a proposta do instituto é possibilitar um modelo prático de desenvolvimento integrado do ser humano, fundamentando-se em três aspectos de uma ecovila: espiritual, ecológico e social.

O projeto dessa comunidade não só foi iniciado pela norte-americana Susan Andrews, como continua sendo conduzido por ela, embora membros afirmem que há uma gestão participativa. É perceptível a existência de uma organização hierárquica com papéis definidos, estando em um nível superior a coordenação e profissionais graduados, que constituem a maioria dos membros da ecovila, e abaixo, funcionários contratados, que exercem funções gerais na limpeza, jardinagem, cozinha, agricultura e transporte. Essa estrutura mistura as atividades do Instituto “Visão Futuro” e a gestão da ecovila, tornando essas duas entidades, na prática, inseparáveis, o que faz com que a organização comunitária da ecovila seja dirigida pelos mesmos membros do Instituto “Visão Futuro”.

A comunidade é pequena, variando entre catorze a vinte pessoas, embora inclua muitos hóspedes e cerca de quarenta funcionários, os quais possuem atribuições diversas no instituto. Entre os diferentes profissionais que moram na ecovila, há um cozinheiro, uma psicóloga, um agrônomo, educadores ambientais, engenheiros, professores de yoga, educadores infantis, contadores e costureiras, que desenvolvem atividades na comunidade e no instituto. Apesar da clara estrutura hierárquica, como foi dito anteriormente, os membros da comunidade afirmam que ela é gerida de forma participativa, pois se reúnem periodicamente para tomar decisões, como aquelas referentes ao ingresso de novos membros.

---

<sup>111</sup> Informações do site do “Instituto Visão Futuro”, no site: [www.visaofuturo.org.br](http://www.visaofuturo.org.br) (acessado em fevereiro de 2009).

Os moradores fixos não são proprietários das suas residências, que lhes são cedidas por meio de um contrato informal. Os aspirantes da ecovila, assim como hóspedes e visitantes, alojam-se nas casas comunitárias.



Alguns frequentadores de fins de semana e participantes de eventos do “Visão Futuro” já residiram na comunidade, profissionais autônomos como professores de yoga, massagistas e terapeutas ocupacionais. Eles tiveram que sair da comunidade para procurar trabalho mais fixo em cidades grandes como Campinas, Sorocaba e São Paulo, pois não havia trabalho suficiente para todos na ecovila.

Embora sigam a teoria PROUT e os princípios que regem as ecovilas da GEN, os membros da Visão Futuro reconhecem estarem longe de atingir a sustentabilidade, objetivo essencial daquelas comunidades alternativas. De fato, essa não é para eles a principal preocupação, pois o seu foco central é a questão espiritual, apoiada nas práticas da biopsicologia<sup>112</sup>, da hatha yoga<sup>113</sup> e da meditação, sendo o elemento espiritual o responsável pelo vínculo comunitário, na sua visão<sup>114</sup>.

---

<sup>112</sup> Biopsicologia, metodologia desenvolvida a partir do Tantra Yoga que propõe o autocontrole das emoções, pela prática de meditação, exercícios de psicodrama, atividades de arte a fim de melhorar a autoconfiança, o equilíbrio do corpo e da mente.

<sup>113</sup> São praticantes do Hatha Yoga, que é uma prática de yoga pós-clássica, surgido no século 19, na Índia.

<sup>114</sup> Dados coletados na oficina “Domingo no Parque”, para apresentação de ecovila e entrevista, realizado em outubro de 2008.

Dentro dessa visão espiritual, o eixo educação, conforme a teoria PROUT, tem um papel central. Para desenvolvê-lo, a comunidade fundou a Creche *Crescer*, que atende gratuitamente crianças de 1 a 6 anos de idade, principalmente os filhos dos funcionários do instituto e de moradores da vizinhança. Para esse projeto, a ecovila tem o apoio do município vizinho de Quadra. O método de ensino é baseado no sistema de educação neo-humanista, de Prabhat Rainjan Sarkar. A professora infantil explicou em linhas gerais que o método inclui a alfabetização ecológica e emocional, além da alfabetização convencional<sup>115</sup>.

O Instituto “Visão Futuro” desenvolve os cursos de Biopsicologia, que concilia os eixos de educação, saúde e espiritualidade. Esses cursos são regulares, divididos em módulos, realizados mensalmente, ou de forma condensada no período de férias. O objetivo é relacionar as ciências atuais - psicologia, psicodrama e nutrição - com a sabedoria antiga da medicina corpo-mente, meditação e yoga. Os representantes da ecovila contam que a biopsicologia é a essência do grupo, responsável pela liga da comunidade. O curso é ministrado por Susan Andrews e equipe e eles afirmam que trata-se da principal fonte de renda do instituto. De acordo com a tabela de preço divulgada no site do Visão Futuro<sup>116</sup>, cada módulo do curso, com duração de uma semana de cinco dias ou condensado em fim de semana, custa em média por pessoa, trezentos e trinta reais, sendo que no total são recomendados oito módulos.

A administração do “Visão Futuro” é muito organizada e a recepção de visitantes assemelha-se ao padrão de hotelaria, dirigida a um público exigente, com preocupações ambientais e de alto poder aquisitivo<sup>117</sup>.

Por exemplo, para se chegar à ecovila é necessário possuir carro próprio, já que o acesso com transporte público é quase inviável, e pagar as despesas dos eventos e para a pousada. A diária para quem quer passar uma noite num fim de semana sai em média sessenta reais por pessoa.

---

<sup>115</sup> Palestra sobre Ecovila realizada em outubro de 2008, na vivência “Domingo no Parque”

<sup>116</sup> Site: [www.visaofuturo.org.br](http://www.visaofuturo.org.br) (acessado em fevereiro de 2009).

<sup>117</sup> Nesse aspecto, a Ecovila “Visão Futuro” segue o modelo da Ecovila de Findhorn, na Escócia, em que os cursos sobre a ecovila, as vivências espirituais e a visitação são todos cobrados. A título de ilustração, uma vivência de uma semana em Findhorn varia entre trezentos e oitenta e cinco a quinhentos e cinquenta e cinco libras esterlinas, equivalente a mil e duzentos e cinquenta e cinco reais e mil oitocentos e nove reais, com câmbio da libra valendo três reais e vinte e seis centavos.

Ainda no que se refere ao eixo educação, o Instituto “Visão Futuro” desenvolve atividades artísticas, aulas de teatro, música, expressão corporal, montagem de cenografia e realização de espetáculos teatrais, como foi o *Festival Eco Primavera*, do qual participei em novembro de 2006. Nesse evento, um dramaturgo norte-americano foi convidado para dar aulas e montar a cenografia. Os participantes, muitos deles estudantes universitários de artes cênicas, fizeram parte do elenco cujo tema foi uma crítica ao consumismo e a degradação ambiental do planeta.

Assim como a Fundação *Findhorn*, que realiza conferências para divulgar as propostas e atividades da ecovila, o Instituto “Visão Futuro” foi um dos organizadores do evento *Conferência sobre Felicidade Interna Bruta- FIB*, realizado em novembro de 2008, na cidade de São Paulo, com apoio do *Serviço Social do Comércio – Sesc/SP*. O evento teve por intuito divulgar a experiência da ecovila e levar a discussão sobre propostas alternativas para a sociedade, contrapondo o conceito de *Felicidade Interna Bruta- FIB* ao conceito do *PIB – Produto Interno Bruto*, pois o primeiro inclui outros valores sociais como um bom padrão médio de vida econômica, boa governança, educação de qualidade, saúde, vitalidade comunitária, proteção ambiental, acesso à cultura, gerenciamento equilibrado do tempo e bem-estar psicológico, a fim de avaliar o nível de sustentabilidade de uma sociedade.

Embora as ecovilas questionem o padrão de consumo das sociedades e proponham uma mudança de paradigma de desenvolvimento, no “Visão Futuro” há uma forte tendência a atribuir responsabilidade pelas transformações na sociedade aos indivíduos isoladamente. Nisso se distinguem fortemente do pensamento do MST, que acredita em que a base para a mudança social seja a mobilização coletiva, reprovando as atitudes muito individualistas.

No que tange aos aspectos estritamente ambientais, contudo, a ecovila apresenta grandes avanços. Assim, ela recorre às tecnologias ambientais sofisticadas e eficientes, se comparada aos recursos disponíveis nos assentamentos de reforma agrária do MST. Muitos dos experimentos realizados na ecovila são resultantes de doações de organizações internacionais, recursos da instituição “Visão Futuro” e parcerias com

ONGs, como a Fundação Gaia -RS<sup>118</sup>, que através do seu fundador José Lutzenberger, agrônomo e ecologista, implementou o sistema de purificação da água. Esse sistema consiste em fazer o tratamento biológico da água gerada nos banheiros, em que o líquido é destinado a um pequeno lago com plantas aquáticas.



Sistema biológico de purificação de água

Todas as construções da comunidade têm painéis solares com placas fotovoltaicas e possuem energia eólica de cataventos. Foram construídos dois açudes para abastecimento de água e em algumas casas há cisternas para captação de água de chuva.

Na agricultura, a ecovila também tem tido progressos. A produção orgânica vem crescendo e já dispõe da certificação do Instituto Biodinâmico - IBD<sup>119</sup>: A produção é destinada fundamentalmente para abastecer a comunidade, inclusive no fornecimento de alimentação aos visitantes durante eventos, mas também já se comercializam excedentes na circunvizinhança. Cultiva-se alface, repolho, rúcula, feijão, milho e arroz. Foi construído um viveiro para a produção de sementes e mudas e há compostagem de resíduos orgânicos para a formação de adubo destinado aos jardins e pomares. A ecovila

---

<sup>118</sup> A Fundação Gaia é uma entidade que atua como Centro de Educação Ambiental e divulgação da Agricultura Regenerativa, localizada em Pântano Grande, no interior do RS. Foi fundada pelo ecologista José Lutzenberger.

<sup>119</sup> Instituto Biodinâmico – IBD é uma Associação de certificação, que organiza e desenvolve atividades de certificação de produtos orgânicos e biodinâmicos.

não cria animais, pois ela é lacto-vegetariana<sup>120</sup>, seguindo os preceitos religiosos do indiano Sarkar. O cardápio é elaborado pelo cozinheiro, morador da ecovila, que conta com ajuda de funcionários contratados. A culinária de fim de semana costuma atrair muitos visitantes. Para os hóspedes de temporada, há um refeitório comunitário, conduzido pelo mesmo cozinheiro. Há também uma padaria e doçaria, onde são produzidos pães com farinha integral, doces e geléias de frutas colhidas na comunidade, os quais são vendidos na loja do Instituto “Visão Futuro” e mercados da região<sup>121</sup>.

Assim como as comunidades do MST, a ecovila cultiva uma horta mandala, técnica típica da permacultura. Para eles, essa técnica tem grande valor espiritual, pois o formato hexagonal potencializaria as qualidades nutricionais e medicinais das plantas. Por isso, destinam os cultivos da mandala para o laboratório de manipulação de plantas medicinais, que produz chás medicinais, xampus, sabonetes e cosméticos e que são consumidos pelos moradores e vendidos na loja do instituto. Além disso, utilizam os produtos medicinais para uso no tratamento da medicina alternativa indiana no Centro Ayurvédico, dentro da comunidade, que corresponde ao desenvolvimento do eixo de saúde da teoria PROUT.

Apesar do desenvolvimento desses projetos de infraestrutura e alimentação, vez por outra, quando há muita demanda de visitantes, chegam a receber mais de cem pessoas por fim de semana. Nesses casos, precisam recorrer à energia convencional e comprar alimentos vegetais fora da comunidade, pois a horta se torna insuficiente, como relatou um dos coordenadores. Eles também compram água mineral, pois a água dos açudes e cisternas de captação de chuva não é consumida na cozinha e nem no bebedouro.

Por esses exemplos, é possível compreender as dificuldades que enfrentam comunidades com recursos limitados, como é o caso dos assentamentos do MST. Os acampados do “Irmã Alberta”, no início da ocupação, não tinham fácil acesso à água, tendo que buscá-la em rios provavelmente poluídos, carregando baldes por longas distâncias. Para esses assentados, a construção de poços artesianos já foi um grande

---

<sup>120</sup> Lacto - vegetariana – dieta em que a pessoa se abstém de carnes, mas faz uso do leite e seus derivados.

<sup>121</sup> De acordo com observações de visita realizada em outubro de 2008 e informações do site: [www.visaofuturo.org.br](http://www.visaofuturo.org.br) (acessado em fevereiro de 2009).

avanço, e se tivessem o sistema de cisternas para a captação de água de chuva e a tecnologia de purificação da água do “Visão Futuro”, certamente se considerariam privilegiados.

No que tange à questão das habitações, tampouco a ecovila utiliza técnicas sustentáveis de bioconstrução, predominando as construções de alvenaria e de concreto. As edificações, contudo, têm abastecimento e tratamento de água ecológicos, e recorrem a fontes renováveis de energia. Exemplo disso são os açudes, o sistema biológico de purificação da água, o uso de energia solar e eólica, com as placas fotovoltaicas e cata-ventos. Há duas experiências piloto que os moradores chamam de *casas* hidroecológicas, nas quais utilizou-se a técnica de captação de água de chuva por cisternas, que funcionam como caixas de reservatório de água, com bombeamento para a casa, abastecendo o chuveiro, a pia do banheiro e a lavanderia. Depois de utilizada, a água recebe um tratamento doméstico, num filtro biológico de pedra, brita e areia para uso de descarga sanitária. Posteriormente, essa água descartada é direcionada para um outro filtro biológico e então devolvida ao meio ambiente.

Apesar das tecnologias aparentemente simples, elas exigem acompanhamento de pessoas especializadas, pois são experimentos pilotos, os quais, vez ou outra, apresentam falhas. O “Visão Futuro” contrata consultores de instituições especializadas, tais como o IPEMA- Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica<sup>122</sup>, e a Fundação Gaia<sup>123</sup>.

Na minha opinião, a implantação dessas tecnologias em assentamentos do MST, que seriam muito úteis às comunidades, teriam que contar com o apoio de investimentos públicos e/ou parcerias com universidades e instituições especializadas, como fez a Comunidade “Dom Tomás Balduino” para obter o financiamento de moradias pela *Caixa Econômica Federal*.

---

<sup>122</sup> IPEMA – está localizado em Ubatuba, no litoral de SP, tem por objetivo fomentar e difundir a permacultura para a formação de assentamentos humanos sustentáveis. ([www.ipemabrasil.org.br](http://www.ipemabrasil.org.br))

<sup>123</sup> Fundação Gaia - está localizado em Pântano Grande, no interior do RS, foi fundada pelo ecologista José Lutzenberger e é uma entidade que atua como Centro de Educação Ambiental e divulgação da Agricultura Regenerativa.

Já há outras tecnologias que requerem mais recursos. Um exemplo disso é o que relatou o membro da coordenação sobre o desenvolvimento de uma microdestilaria<sup>124</sup> dentro da ecovila, sistema que consiste em cultivar cana-de-açúcar para a produção de combustível a álcool, com o objetivo de abastecer os carros dos visitantes. Essa microdestilaria já contou com um investimento de trinta mil reais e ainda não está em funcionamento<sup>125</sup>.

Certamente essas novas ecovilas têm hoje propostas muito diferentes daquelas comunidades hippies, como a Ecovila de Findhorn, no início dos anos sessenta. Contudo, elas continuam servindo de alternativa a um padrão não-ecológico da sociedade, sendo bem mais coerentes e completas que os condomínios ecológicos da classe média alta. Entretanto, sua estrutura de organização assemelha-se a um empreendimento empresarial, ainda que não produza lucros, pois necessitam de altos investimentos em serviços e instalações para suprir o padrão de conforto desse público.

Em resumo, suponho que a tendência atual de comunidades alternativas, como as ecovilas, seja a de transformar seus projetos comunitários em centros experimentais de estudos e vivências ecológicas. Assim como fez Findhorn, que transformou a pequena comunidade hippie dos anos 1960, de baixos recursos, numa fundação institucional, de forte recorte espiritual e ecológico, servindo assim de efeito demonstrativo de estilos de vida ambientalmente adequados.

---

<sup>124</sup> Destilaria: local onde se processa uma substância por destilação, em que se vaporiza uma substância líquida e, em seguida, se condensam os vapores resultantes, para obter-se de novo um líquido, mais puro.

<sup>125</sup> Dados da vivência “Domingo no Parque” e entrevista com coordenação realizada em outubro de 2008.

*“Na atualidade, tanto as cidades quanto o campo tendem a deslocar os problemas ambientais para uma escala espacial mais extensa e a uma escala temporal mais ampla. No entanto, se quiséssemos poderíamos viver com base numa “agricultura orgânica” porque existem tecnologias que permitem alimentar a população mundial dispensando a utilização de combustíveis fósseis<sup>126</sup>”.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: Para Que Servem As Experiências

O objetivo desta pesquisa era analisar experiências em agricultura ecológica de comunidades distintas socialmente, com o intuito de identificar as trajetórias que levaram a empreender tais experiências, seus acertos, dificuldades e desafios na busca de uma sustentabilidade ambiental, social e econômica.

Por isso estudei dois assentamentos de reforma agrária do MST, nos quais pesquisei as razões e o contexto que propiciaram a abertura para a problemática ambiental, bem como a história da iniciativa de criação de uma ecovila, de padrão europeu, no estado de São Paulo.

De um ponto de vista sociológico, considerando as claras diferenças sociais entre os dois tipos de comunidade, me pareceu instigante entender o que os motivou a desenvolverem iniciativas semelhantes em agroecologia e até que ponto seu perfil sociocultural distinto pôde contribuir ou dificultar para atingir os seus objetivos de autossuficiência.

No que tange aos aspectos socioculturais, encontrei nas comunidades do MST indivíduos com baixa escolarização, exceto algumas lideranças, muitos migrantes de outros estados, que antes de ingressar no Movimento viviam de trabalho precário e moravam em bairros da periferia de São Paulo. Entrevistei algumas famílias que tinham participado de movimentos sociais de moradia, experiência que os aproximou do MST. Observei entre esses militantes oriundos de movimentos de moradia, pessoas capazes de um discurso bem articulado, detentoras de carisma, e que por isso acabaram assumindo

---

<sup>126</sup>

ALIER, Joan Martinez. *O Ecologismo dos Pobres. São Paulo*: Editora Contexto, 2007.

funções de liderança dentro Movimento. Conheci também pessoas com muita habilidade para o trabalho agrícola, mas tímidas e resistentes às inúmeras atividades políticas promovidas pela direção do MST. Alguns diziam claramente que preferiam poder permanecer trabalhando em seu lotes.

Para mim, o Movimento é forte na aliança de militantes para realizar as ocupações, cujo objetivo de assentar famílias é unânime no grupo, mas enfrenta dificuldades no desenvolvimento de projetos no pós-ocupação, ao ter que conciliar a vida política com os anseios individuais. Portanto, a dificuldade é manter o grupo coeso após a ocupação, já que o principal objetivo foi realizado: a posse da terra. Essas contradições não se restringem ao MST, pois acompanho também movimentos de moradia na cidade de São Paulo, que enfrentam problemas semelhantes. Há muitas críticas àqueles que deixam de lutar logo após a conquista de sua moradia, adotando uma postura individualista. Deve ser por isso que a direção do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra estimula a participação política dos militantes em atividades contínuas e recrimina atitudes individualistas, consideradas vícios. Entretanto, pode ser muito nocivo combater o individualismo e, ao mesmo tempo, negar desejos íntimos e legítimos do ser humano. Lembro-me de quando participei da vivência num assentamento do MST em Itapeva, em que eu e alguns amigos ficamos hospedados na casa de uma família grande, com muitas crianças e adolescentes. Os adolescentes estavam encantados com nossos pertences, roupas, aparelho de som portátil e máquina fotográfica digital, entre outras coisas. Era perceptível o conflito entre adultos e alguns jovens que queriam ir para a cidade e consumir novas coisas, em vez de permanecer trabalhando no assentamento. Apesar dessa vivência ter sido um episódio isolado, arrisco dizer que ela expressa a realidade de muitas famílias e, na minha opinião, o MST deveria buscar formas de melhor atender também aos anseios individuais dos seus membros.

Outra questão essencial que acredito precise ser enfrentada pelo MST é a problemática socioambiental. Concluída a pesquisa, verifiquei que embora a literatura especializada não deixe dúvidas quanto à inadequação do modelo da agricultura convencional como prática sustentável, a monocultura baseada em agroquímicos ainda goza de grande prestígio entre os pequenos agricultores. Trata-se de uma visão imediatista, que busca resultados de curto prazo e ignora os danos de longo prazo, por vezes irreversíveis, provocados por essas práticas. Esse é o caso também de algumas técnicas

convencionais, como a prática da queimada e o cultivo de poucas espécies, no lugar da policultura de plantas, práticas que fragilizam o meio ambiente, inviabilizando efetivamente uma agricultura de subsistência.

Lembro-me do início das oficinas de permacultura no Acampamento “Irmã Alberta”, quando muitos acampados se diziam ansiosos por começar a cultivar a terra para a comercialização, embora não fossem capazes de produzir o básico para a sua própria subsistência. Como entendia Peter Webb, trata-se da ideologia do grande agronegócio, voltado para a produção em grande escala e para o mercado, particularmente para o mercado externo. Mas, por isso mesmo, também acredito que o MST tenha um papel importantíssimo no país, ao lutar pela reforma agrária e por uma agricultura familiar de pequena escala.

A história da agricultura no Brasil nos mostrou que a prática da monocultura sempre esteve restrita às grandes propriedades de terra e à exploração intensiva do trabalho rural, possibilitando rápido crescimento e enriquecimento, mas de curta duração. Assim foi o ciclo de cana-de-açúcar, no Nordeste, o ciclo da borracha, na Amazônia e o ciclo do café no Sudeste, todos seguidos de decadência econômica e ambiental irreparáveis. Relacionadas à história do país, há também questões culturais enraizadas que precisarão ser desconstruídas, que impedem o desenvolvimento de uma agricultura familiar sustentável. A cultura paternalista das cestas básicas, por exemplo, acomoda as famílias a pedirem ajuda em vez de investirem tempo e dedicação no trabalho de recuperação de solos, reflorestamento de áreas e seleção de sementes e adaptação de cultivos.

No entanto, é patente o fato de que a direção do MST venha trabalhando para conscientizar suas lideranças intermediárias e militantes quanto à importância da problemática ambiental. A introdução da agroecologia no Movimento se deu por meio de assentados e de estudantes universitários que atuam na Comuna da Terra, bem como por influência da Via Campesina Internacional. Aparentemente, a proposta de agroecologia no MST emerge da confluência entre a necessidade dos assentados de melhorar a produção e as ideias introduzidas na Comuna da Terra pela Direção Nacional do MST, influenciada pela Via Campesina.

A Via Campesina é uma rede internacional de movimentos ligados ao campo, criada em 1993, na Primeira Conferência da Via Campesina, na Bélgica. Essa rede reúne organizações de pequenos e médios agricultores, trabalhadores agrícolas, mulheres rurais e comunidades indígenas da Ásia, África, Europa e Américas, tendo por objetivo organizar os camponeses para a prática da agricultura sustentável e defender a mudança de paradigma de desenvolvimento das sociedades. Entre as preocupações centrais das organizações que a compõem está a soberania alimentar, a reforma agrária, as ocupações de terras, o crédito e a dívida externa, as tecnologias camponesas e a participação das mulheres. No Brasil, os seguintes movimentos fazem parte da Via Campesina: MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, MPA - Movimento dos Pequenos Agricultores, MAB - Movimento dos Atingidos por Barragens, MMC - Movimento de Mulheres Camponesas, FEAB - Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil, CPT - Comissão Pastoral da Terra, PJR - Pastoral da Juventude Rural e CIMI – Conselho Indigenista Missionário<sup>127</sup>.

No que tange às comunidades do MST, apesar das condições precárias em que se encontravam os grupos estudados, é patente que eles experimentaram melhora: o aumento da produção já permitiu às famílias comercializarem seus produtos e se organizarem em cooperativas. A estruturação da comunidade facilitou a construção de moradias dignas, trazendo também um benefício simbólico pois, satisfeitos, os indivíduos se sentiram estimulados a continuar trabalhando na comunidade. No entanto, a busca pela autossuficiência representa ainda um grande desafio, dada a falta de recursos financeiros para investimentos necessários aos empreendimentos coletivos.

No caso apresentado na Ecovila “Visão Futuro”, eles também estão distantes da sustentabilidade e reconhecem isso. Do ponto de vista ambiental, possuem tecnologias eficientes e sofisticadas comparadas ao MST, como as placas solares fotovoltaicas, sistema de açudes e a energia eólica. Além de desenvolverem a agricultura orgânica, fazem reflorestamento e cuidam do paisagismo nos jardins. Por outro lado, a principal fonte de renda da ecovila são os cursos de fim de semana, oferecidos para um público com alto poder aquisitivo, inclusive empresários bem-sucedidos, que buscam a ecovila por motivos espirituais. Em média, o “Visão Futuro” recebe por semana cem pessoas,

---

<sup>127</sup>

Site da Via Campesina: <http://www.viacampesina.org>

que vão até a ecovila em seus automóveis individuais. Na minha opinião, isso revela uma contradição com os ideais propalados pelos membros da comunidade, pois embora questionem o padrão de desenvolvimento da sociedade de consumo, dependem direta e indiretamente desse mesmo padrão de desenvolvimento para sobreviverem enquanto tal. Iniciativas simples, como organizar o acesso à ecovila por meio de transporte coletivo, ou caronas solidárias contribuiriam mais efetivamente para a conscientização ambiental. Além disso, algo que me chamou atenção durante esses anos de contato, foi a insistência excessiva do *marketing* institucional em relação aos eventos. Toda vez que buscava marcar entrevistas, era convidada com insistência para participar de eventos.

Para uma análise comparativa visando apontar as diferenças ideológicas entre a ecovila e o MST, me baseei na classificação sobre movimentos ambientalistas estabelecida por Joan Martínez Alier. Segundo ele, o ambientalismo pode ser dividido em três correntes principais, embora todas tenham diversos elementos em comum. A primeira corrente seria a do culto à vida silvestre, da defesa da natureza intocada que invoca o sagrado, bastante influenciada por religiões panteístas e representada predominantemente pelas entidades conservacionistas como o *Sierra Club*. A segunda corrente concentra-se na ecoeficiência, na compatibilização entre a sustentabilidade e a economia, recorrendo à modernização ecológica e à eficiente utilização dos recursos naturais. Ao meu ver, a comunidade “Visão Futuro” reúne em si essas duas correntes, com a sua preocupação espiritual e a valorização da paisagem natural, associadas ao desenvolvimento de tecnologias sofisticadas, sem colocar em questão um elevado padrão de consumo.

Ao contrário, o MST corresponderia à terceira corrente de Alier, aquela da *justiça ambiental* ou do *ecologismo dos pobres*. A justiça ambiental não se apóia nos mesmos valores éticos e estéticos do culto ao silvestre, e sim na demanda por justiça social nos temas relacionados à distribuição dos danos ambientais, e acesso aos recursos ambientais que garantem a subsistência e a cultura de populações.

Nesse sentido, considero a experiência do MST mais coerente com o modelo de autossustentabilidade do que a ecovila. Essa última apresenta muitas contradições entre seus princípios ideais e sua prática, de serviços caros e de estilo de vida consumista.

Os membros da Ecovila “Visão de Futuro” têm um perfil cultural intelectualizado, com formação profissional de terceiro grau e domínio de idiomas estrangeiros, qualificações que facilitam a busca de parceiros para financiamento de seus projetos e elaboração de cursos, dos quais retiraram seu sustento. São fatores que favorecem a eficiência da gestão ambiental avançada em comparação ao MST. Entretanto, o projeto comunitário de criar uma unidade autônoma autossuficiente me pareceu frágil, principalmente pela pequena população da comunidade, que depende de muitos empregados contratados. Para corresponder ao seu projeto original de comunidade autônoma, seria preciso aumentar o número de membros e reduzir o número de funcionários, pois a relação hierárquica empregador e empregados não permite uma gestão participativa e nem é coerente com os princípios autogestionários da economia solidária, elementos que compõem a ética da Rede Global de Ecovilas – *GEN*.

Entretanto, apesar de não corresponderem ao modelo de ecovila original das comunidades alternativas dos hippies, na minha opinião são um bom modelo piloto de práticas ambientais adequadas, ainda que não se constituam em comunidades socialmente equilibradas e economicamente sustentáveis.

Em síntese, apesar das dificuldades relatadas em cada um dos casos, as experiências estudadas são necessárias e relevantes para a nossa sociedade contemporânea. Pois, num cenário global enfrentamos uma grave crise ambiental, com prognósticos alarmantes sobre o aquecimento global, a escassez de alimentos, a fome mundial e a falta de água potável, que potencialmente representam elementos chaves para o desencadeamento de conflitos sociais em nível planetário.

Recentemente, a *Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura – FAO*, publicou estudos de pesquisadores de diversas áreas que afirmaram a insustentabilidade da monocultura, da agricultura química e do uso de combustíveis fósseis para o planeta como um todo, propondo a agricultura ecológica como solução. Talvez o estudo mais importante sobre o tema tenha sido o do *International Assessment of Agricultural Science and Technology for Development*<sup>128</sup> –*IAASTD*, cujo encontro

---

<sup>128</sup>

*IAASTD - Avaliação Internacional do Conhecimento, da Ciência e da Tecnologia no Desenvolvimento Agrícola*, é uma iniciativa do Banco Mundial, que reuniu grupo de especialistas e organizações internacionais, incluindo FAO, GEF (*Global Environment Facility*), UNESCO, etc. e

final ocorreu na África do Sul, em abril de 2008, e que reuniu quatrocentos pesquisadores, órgãos públicos, organizações não-governamentais, agricultores e empresas de muitos países, e que elaborou um diagnóstico sobre as ciências e tecnologias agrícolas para o desenvolvimento. Em seu sumário executivo, eles afirmaram que se faz necessária uma mudança radical do paradigma da agricultura, convertendo a agricultura convencional em agricultura orgânica e abandonando a prática dominante da agricultura de larga escala, por ser insustentável. Os especialistas propõem o manejo dos agrossistemas da agricultura alternativa, que podem assegurar o suprimento de água potável, preservar a biodiversidade e garantir a subsistência das populações. Para ilustrar essa tese, os especialistas avaliaram a produtividade de duas áreas de meio hectare na Tailândia, cultivadas de forma distinta. Na primeira, plantou-se setenta espécies de vegetais, frutas e verduras, que foram plenamente capazes de prover a alimentação da população local quanto à variedade e valor nutricional. Na área destinada à monocultura, entretanto, plantou-se somente arroz e o seu rendimento não garantiu o sustento de sua população.

O *IAASTD* enfatiza ainda que para haver resultados eficientes do desenvolvimento agrícola sustentável é necessário envolver não só os agricultores, mas também profissionais de áreas distintas como economia, saúde e cientistas sociais, além de governos e sociedade civil.

Com tantas pesquisas indicando a necessidade da mudança de paradigma do desenvolvimento, é preciso ampliar a participação da sociedade civil no debate sobre as políticas públicas para a agricultura, de modo a enfrentar o lobby de setores da indústria química, de combustível fóssil, e empresas derivadas, que exercem grande influência nas pautas governamentais. Penso que somente um debate qualificado, envolvendo toda a sociedade, que vá além do jornalismo enviesado e superficial comum à mídia, se poderá levar a opinião pública a pressionar o Estado para adotar políticas rurais capazes de reverter a situação de degradação ambiental, ao mesmo tempo em que se enfrente os problemas sociais decorrentes da desigualdade social, da falta de acesso à terra e da insegurança alimentar, flagelos que assolam grande parte da população brasileira.

---

representantes de governos, sociedade civil, setor privado e instituições científicas de vários países do mundo. <http://www.agassessment.org/>

## BIBLIOGRAFIA

AB´SABER, Aziz Nacib. *São Paulo: ensaios entreveros*. São Paulo: Edusp e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

ABRAMOVAY, Ricardo e VEIGA, José Eli. “Análise (diagnóstico) da Inserção do PRONAF na Política Agrícola”. Brasília: Convênio IPEA/FIPE, 1998, apud: COSTA, Lúcio Flávio de Carvalho (org.) et alii. *Mundo Rural e Tempo Presente*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

ABRAMOVAY, Ricardo (org.). *Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios*. Brasília: UNESCO, 1998 a.

\_\_\_\_\_. *Paradigmas do capitalismo agrário em questão*. Campinas: Hucitec Editora da Unicamp, 1998 b.

\_\_\_\_\_. *O que é fome*. São Paulo: Braziliense, 1991 c.

ALBAGLI, Sarita. *Geopolítica da Biodiversidade*. Brasília: IBAMA, 1998.

ALIER, Joan Martinez. *Da Economia Ecológica ao Ecologismo Popular*. Blumenau: Editora da FURB, 1998.

\_\_\_\_\_. *O Ecologismo dos Pobres*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

ALTIERI, Miguel. *Agroecologia, as bases científicas da agricultura alternativa*. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989 a.

\_\_\_\_\_. *Os Mitos da Biotecnologia Agrícola: algumas questões éticas* (fotocópia).

ALTVATER, Elmar. *O Preço da Riqueza*. São Paulo: Unesp, 1995.

ALVES-MAZZOTTI, Alda e GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O Método nas Ciências Sociais*. Pesquisa Quantitativa e Qualitativa. São Paulo: Pioneira, 2000.

BARTOLOMÉ, Leopoldo J. e HERMITTE, Esther (orgs.). *Procesos de Articulación Social* (fotocópia).

- BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som. Um Manual Prático*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Comunidade - a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BECK, Ulrich. *Liberdade ou Capitalismo*. São Paulo: UNESP, 2002.
- BONILLA, José A. *Fundamentos da Agricultura Ecológica, sobrevivência e qualidade de vida*. São Paulo: Nobel, 1992.
- BONZATTO, Eduardo Antonio. A Permacultura e as Tecnologias de Convivência. In: Revista *PUC VIVA*, ano 8, nº. 29: Terra Revolta da Natureza. São Paulo, 2007.
- BRAUN, Joachin von, TEKLU, Tesfaye and WEBB, Patrick. *Famine in Africa, causes, responses and prevention*. Baltimore, USA: Johns Hopkins University, 1998.
- BRAUN, Ricardo. *Desenvolvimento ao Ponto Sustentável*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BRÜSEKE, Franz e CAVALCANTI, Clóvis (org.). O Problema do Desenvolvimento Sustentável. In: *Desenvolvimento e Natureza: Estudos para uma sociedade sustentável*. São Paulo: Cortez, 1998.
- BUBER, Martin. *O Socialismo Utópico*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- CALLADO, Antonio. *Entre o Deus e a Vasilha. Ensaio sobre a Reforma Agrária Brasileira, a qual nunca foi feita*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.
- CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2001.
- CARNEIRO, Augusto. *A História do Ambientalismo*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2003.
- CARVALHO, Edgard de Assis. *Enigma da Cultura*. São Paulo: Cortez, 2003.
- CARVALHO, Horácio Martins de. *O Campesinato no Século XXI: possibilidades e condicionantes do desenvolvimento do campesinato no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- CARVALHO, José Murilo. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual. In: *Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, 1997.

- COMMONER, Barry. *Energias Alternativas: novas energias para um Mundo Novo*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- COSTA, Luiz Flávio de Carvalho, MOREIRA, Roberto José e BRUNO, Regina (org.) et alii. *Mundo Rural e Tempo Presente*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- CROSBY, Alfred. *Imperialismo Ecológico: a expansão biológica da Europa 900-1900*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- DAROLT, Moacir Roberto. *Agricultura Orgânica, inventando o futuro*. Londrina: IAPAR, 2002.
- DAVIS, Mike. *Holocaustos Coloniais*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- DEAN, Warren. *A Ferra e Fogo – A História e a Devastação da Mata Atlântica Brasileira*. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.
- DEMO, Pedro. *Pesquisa e Construção de Conhecimento. Metodologia Científica no Caminho de Habermas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1997.
- \_\_\_\_\_. *Metodologia do Conhecimento Científico*. São Paulo: Atlas, 2000.
- DIAMOND, Jared. *Armas, Germes e Aço: os destinos das sociedades humanas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- EHLERS, Eduardo. *Agricultura Sustentável: origens e perspectivas de um novo paradigma*. São Paulo: Livraria e Editora Agropecuária, 1999.
- EMPLASA – Empresa Metropolitana de Planejamento da Grande São Paulo S/A. *Memória Urbana: a Grande São Paulo até 1940*. volumes I, II e III. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2001.
- ENJO, Monge Zengestsu. *Técnica Tradicional Japonesa de Bioconstrução, aplicada ao aprimoramento do Pau a pique*. Pedra Bela, SP, 2005 (apostila).
- FARIAS Carlos Aldemir. *Alfabetos da Alma*. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- \_\_\_\_\_. Desenvolvimento e Cultura. In: JAGUARIBE, Hélio, MASCARENHAS, Sérgio (et al). *Raízes e Perspectivas do Brasil*. Campinas: Papyrus, Editora da Unicamp, 1985.
- GABAGLIA PENNA, Carlos. *O Estado do Planeta: sociedade de consumo e degradação ambiental*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

- GILBERT, Claude. O Fim dos Riscos. In: ZANONI, Magda e FERREIRA, Angela D. Damasceno (orgs.). *Desenvolvimento e Meio Ambiente Riscos Coletivos – Ambiente e Saúde*. Revista *Natures, Sciences, Sociétés*. Curitiba: Editora UFPR, 2003.
- GUTERRES, Ivani. *Agroecologia Militante*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna – uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1992.
- HÉLLER, Agnes e FEHÉR, Ferenc. *O Pêndulo da Modernidade*. *Tempo Social*. São Paulo: USP, 1994.
- HIRANO, Sedi. *Pesquisa Social. Projeto e Planejamento*. São Paulo: Queroz, 1979.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio Editora, 1984.
- IWASSO, Simone. Ecovilas dão exemplo de não-agressão à natureza. *Jornal O Estado de São Paulo*. Caderno: Geral, 27 de junho de 2004, A14.
- KAGEYAMA, Paulo e Gandara, Flavio. *Biodiversidade e Restauração da Floresta Tropical*. Artigo, ESALQ, USP. Piracicaba: s/d (fotocópia).
- KHUN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- KURZ, Robert. *O Colapso da Modernização*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- HUBER, Joseph. *Quem deve mudar todas as coisas: alternativas do Movimento Alternativo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- LEIS, Héctor Ricardo. Ambientalismo: um projeto realista-utópico para a política mundial. In: LEIS, Héctor Ricardo e VIOLA, Eduardo J. (et al). *Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cidadania: desafios para as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez Editora, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A Modernidade Insustentável: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- LENGEN, Johan Van. *Manual do Arquiteto Descalço*. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto; Rio de Janeiro: TIBÁ, 2004.
- LISBOA, Marijane. Segurança Química e Sociedade de Risco. In: *Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente*. São Paulo: SENAC, agosto 2007.

\_\_\_\_\_. O Fundamento Ético do Princípio da Precaução. In: *Revista Margem*, FACS-PUC-SP. São Paulo: junho de 2005.

\_\_\_\_\_. *A Proibição da Basiléia: Ética e Cidadania Planetárias na Era Tecnológica*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2000.

LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-Moderna*. Lisboa: Gradiva, 1989.

LÖWY, Michael, BENSÁID, Daniel, CORRÊA LEITE, José (org.) *Marxismo, Modernidade, Utopia*. São Paulo: Xamã, 2000.

MADELEY, John. *O Comércio da Fome*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MARCUSE, Hebert. *O Fim da Utopia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

MARX, Karl. *O Capital. Livro 1: O Processo de Produção do Capital - Volume 2*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1975.

MEYER, Regina Maria Prosperi, GROSTEIN, Marta Dora e BIDERMAN, Ciro. *São Paulo Metrópole*. São Paulo: Edusp e Imprensa Oficial no Estado de São Paulo, 2004.

MOLLISON, Bill. *Introduction to permaculture*. Austrália: Tagari Publications, 1991.

\_\_\_\_\_ e SLAY, Reny. *Introdução à Permacultura*. s.l.: Novotempo, 2003. (fotocópia)

\_\_\_\_\_ e HOLMGREN. *Perma-culture One: a perennial agriculture for human settlements*. Tasmânia. Australia: Tagari, 1978.

MORIN, Edgar. *Ciência com Consciência*. Lisboa: Publicações Europa-América.

\_\_\_\_\_. *O Desenvolvimento da Crise do Desenvolvimento, em Sociologia*. Lisboa: Publicações Europa-América.

PNUMA, GEO. *América Latina y El Caribe: perspectivas del medio ambiente. Áreas Urbanas*. 2003

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *O Desafio Ambiental*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

POSTEL, Sandra. Capacidade de Suporte: A Palavra Final da Terra. In: *Relatório do Worldwatch Institute sobre o Progresso em Direção a uma Sociedade Sustentável*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1994.

PRADO JÚNIOR, Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Braziliene, 1977.

- PRESTRE, Philippe le. *Ecopolítica Internacional*. São Paulo: SENAC, 2000.
- PRIMAVESI, Ana Maria. *Manejo Ecológico dos Solos*. São Paulo: s/l e s/d.
- QUIJANO, Aníbal. *Modernidad, Identidad y Utopia em América Latina*. Peru: Sociedad y Política, 1988.
- RIFKIN, Jeremy. *O Século da Biotecnologia*. São Paulo: Makron Books, 1999.
- RUSCHEINSKY, Aloísio (org.). *Sustentabilidade: uma paixão em movimento*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- SANTOS, Laymert Garcia. *Politizar as Novas Tecnologias, o impacto sócio-técnico da informação digital e genética*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- \_\_\_\_\_. A Desordem da Nova Ordem. In: DINIZ, Nilo et alii. *O Desafio da Sustentabilidade: um debate socioambiental no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001, pp.27-41.
- SANTOS, Milton. *Pensando o Espaço do Homem*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.
- SEÓ, Hiroshi. *Manual de Agricultura Natural*. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.
- SHARMA, Devinder. *In the Famine Trap*. s/l: The Ecological Foundation, 1997.
- SHIVA, Vandana. *Monoculturas da Mente: Perspectiva da Biodiversidade e da Biotecnologia*. São Paulo: Gaia, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Biopirataria: A Pilhagem da Natureza e do Conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 2001 b.
- \_\_\_\_\_. "Biopollution and Biosafety". *Tomorrow's Biodeversity*. USA: Thames & Hudson, 2000.
- SILVA, João Batista Amorim. *A Experiência da Produção Ecológica no Assentamento Dom Tomás Balduino*. Monografia. Instituto de Educação Josué de Castro. Veranópolis, 2006.
- SINGER, Paul. *Uma Utopia Militante – repensando o socialismo*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à Economia Solidária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOUSA SANTOS, Boaventura. *A Crítica da Razão Indolente – contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. *Pela Mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1996.

SOUZA, Maria Antonia. As Relações entre o Movimento Sem Terra (MST) e o Estado: Programas de Alfabetização de Jovens e Adultos no Paraná. In: DAGNINO, Evelina (organizadora). *Sociedade Civil e Espaços Públicos no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

SPOWERS, Rory. *Rising Tides: the history and future of the environmental movement*. Edinburgh, England: Canongate: 2002.

STEDILE, João Pedro (org.). *História e Natureza das Ligas Camponesas*. São Paulo: Expressão Popular, 2002. \_\_\_\_\_. Douglas Estevam (et al). *A Questão Agrária no Brasil I: o debate tradicional, 1500-1960*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *A Questão Agrária no Brasil II: o debate na esquerda, 1960-1980*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *A Questão Agrária no Brasil III: programas de reforma agrária, 1946-2003*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SZACHI, Jerzy. *As Utopias ou a Felicidade Imaginada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TIEZZI, Enzo. *Tempos Biológicos, Tempos Históricos*. “O Cronovisor do Capital: economia ou eco-logia?”.

VEIGA, José Eli. *Desenvolvimeto Sustentável: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

\_\_\_\_\_. *O Brasil Rural precisa de uma estratégia de desenvolvimento*. Brasília: Convênio FIPE – IICA, 2001.

\_\_\_\_\_. *A Face Rural do Desenvolvimento*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

\_\_\_\_\_. *Agricultura Sustentável*. Brasília: MMA, IBAMA, Consórcio Emílio Goeldi, 2000.

\_\_\_\_\_. *Ciência Ambiental: primeiros mestrados*. São Paulo: ANABLUME, 1998.

\_\_\_\_\_. *O Desenvolvimento Agrícola: uma visão histórica*. São Paulo: Edusp/Hucitec, 1991.

\_\_\_\_\_. *O que é reforma agrária*. São Paulo: Braziliense, 1986.

WEBB, Peter. *Permacultura, cultivando a Mata Atlântica*. Parati: Naramanda, 2004 (apostila).

WILKINSON, John (org.) et alii. *Transnacionalização da Indústria de Sementes no Brasil*. Rio de Janeiro, ActionAid, 2000.

ZHORI, Andréa et al. Uma Sociologia do Licenciamento Ambiental: o caso das hidrelétricas em Minas Gerais. In: Zhouri, A. e outros (orgs.). *A Insustentável Leveza da Política Ambiental: desenvolvimento e conflitos socioambientais*. Belo Horizonte, FUNC/SOA/FAFICH/UFMG, 2005.

Consulta na internet:

AAO - Associação de Agricultura Orgânica. *Revista de Agroecologia* e consulta à livraria e artigo. São Paulo e s/d: [www.aao.org.br](http://www.aao.org.br). Acesso: jul. 2008.

ASPTA - Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa. *Banco de Experiências* e outros. Rio de Janeiro, 2004: [www.aspta.org.br](http://www.aspta.org.br). Acesso: jul. 2008.

ENCICLOPÉDIA LIVRE WIKIPEDIA: [pt.wikipedia.org/wiki/Brasil](http://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil). Acesso: fev. 2009.

ENA – Ecovillage Network of the Américas: [www.ena.ecovillage.org](http://www.ena.ecovillage.org). Acesso: fev. 2009.

GEN - Global Eco-village Network: [www.gen.ecovillage.org](http://www.gen.ecovillage.org). Acesso: fev. 2009.

Ecovila “Visão Futuro”, do Instituto Visão Futuro: [www.visaofuturo.org.br](http://www.visaofuturo.org.br). Acesso: fev. 2009.

FOLHA ONLINE. Arquivo do jornal a *Folha de São Paulo*: [www.folha.uol.com.br](http://www.folha.uol.com.br). Acesso: fev. 2009.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE TERRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO – ITESP: [www.itesp.sp.gov.br](http://www.itesp.sp.gov.br). Acesso: fev. 2009.

FUNDAÇÃO GAIA: [www.fgaia.org.br](http://www.fgaia.org.br). Acesso: fev. 2009.

FINDHORN FOUNDATION COMMUNITY ASSOCIATION: <http://www.findhorn.org>. Acesso: fev. 2009.

IBD – Associação de Certificação Instituto Biodinâmico: [www.ibd.com.br](http://www.ibd.com.br). Acesso: fev. 2009.

Igreja Messiânica Mundial do Brasil: [www.messianica.org.br/](http://www.messianica.org.br/). Acesso: fev. 2009.

IAASTD - Avaliação Internacional do Conhecimento, da Ciência e da Tecnologia no Desenvolvimento Agrícola: <http://www.agassessment.org/>. Acesso: fev. 2009.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO DE REFORMA AGRÁRIA. Superintendência do Estado de S. Paulo: [www.incra.gov.br/saopaulo](http://www.incra.gov.br/saopaulo). Acesso: fev. 2009.

IPEADATA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada: [www.ipeadata.gov.br](http://www.ipeadata.gov.br). Acesso: fev. 2009.

IPEC - Instituto de Permacultura do Cerrado. *O que é uma Ecovila* e outros. s/l, s/d: [www.permacultura.org.br/ipec](http://www.permacultura.org.br/ipec). Acesso: out. 2008.

IPEMA - Instituto de Permacultura da Mata Atlântica. Histórico do Instituto, assessoria a experiências e outros, s/l e s/d: [www.ipemabrasil.org.br](http://www.ipemabrasil.org.br). Acesso: fev. 2009.

IPEP - Instituto de Permacultura e Ecovila dos Pampas. *Lições para a agricultura familiar; Sistema Biodigestor* e outros. Bagé, s/d. : [www.permacultura.org.br/ipep](http://www.permacultura.org.br/ipep). Acesso: out. 2008.

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: [www.mst.org.br](http://www.mst.org.br). Acesso: fev. 2009.

PERMACULTURA - Instituto de Permacultura da Bahia. *Comunidade de Campina, Chapada Diamantina* e outros. s/l e s/d: [www.permacultura-bahia.org.br](http://www.permacultura-bahia.org.br). Acesso: fev. 2009.

PULSAR BRASIL - Agência Informativa de Rádios Comunitárias: [www.brasil.agenciapulsar.org.br](http://www.brasil.agenciapulsar.org.br). Acesso: fev. 2009.

REDE BRASILEIRA DE ECOVILAS: [www.ecovilabrasil.org](http://www.ecovilabrasil.org). Acesso: fev. 2009.

## **ANEXO DE FOTOS**

**Acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem - Terra “Irmã Alberta”, em 2004:**



Barracões de madeira e lona

**Acampamento “Irmã Alberta”, em 2009:**



Consórcio de plantas I



Produção orgânica



Consórcio de plantas II



Consórcio de plantas III



Comercialização familiar



Horta Mandala



Estufa da Horta Mandala



Centro da Horta Mandala

**Assentamento “Dom Tomás Balduino”, em 2009:**



Entrada do Assentamento



Exemplo de casa de madeira



Mutirão das moradias



Casa em construção



Viveiro Pedagógico



Mudas de figo no Viveiro



Criação de animais

**Ecovila “Visão Futuro”, em 2006:**



Casa central da Comunidade



Área de Convivência



Casa de Morador



Área de Plantio



Espaço da Creche